

SEXO

UM MANUAL SOBRE
MASCULINIDADE E
SUAS QUESTÕES

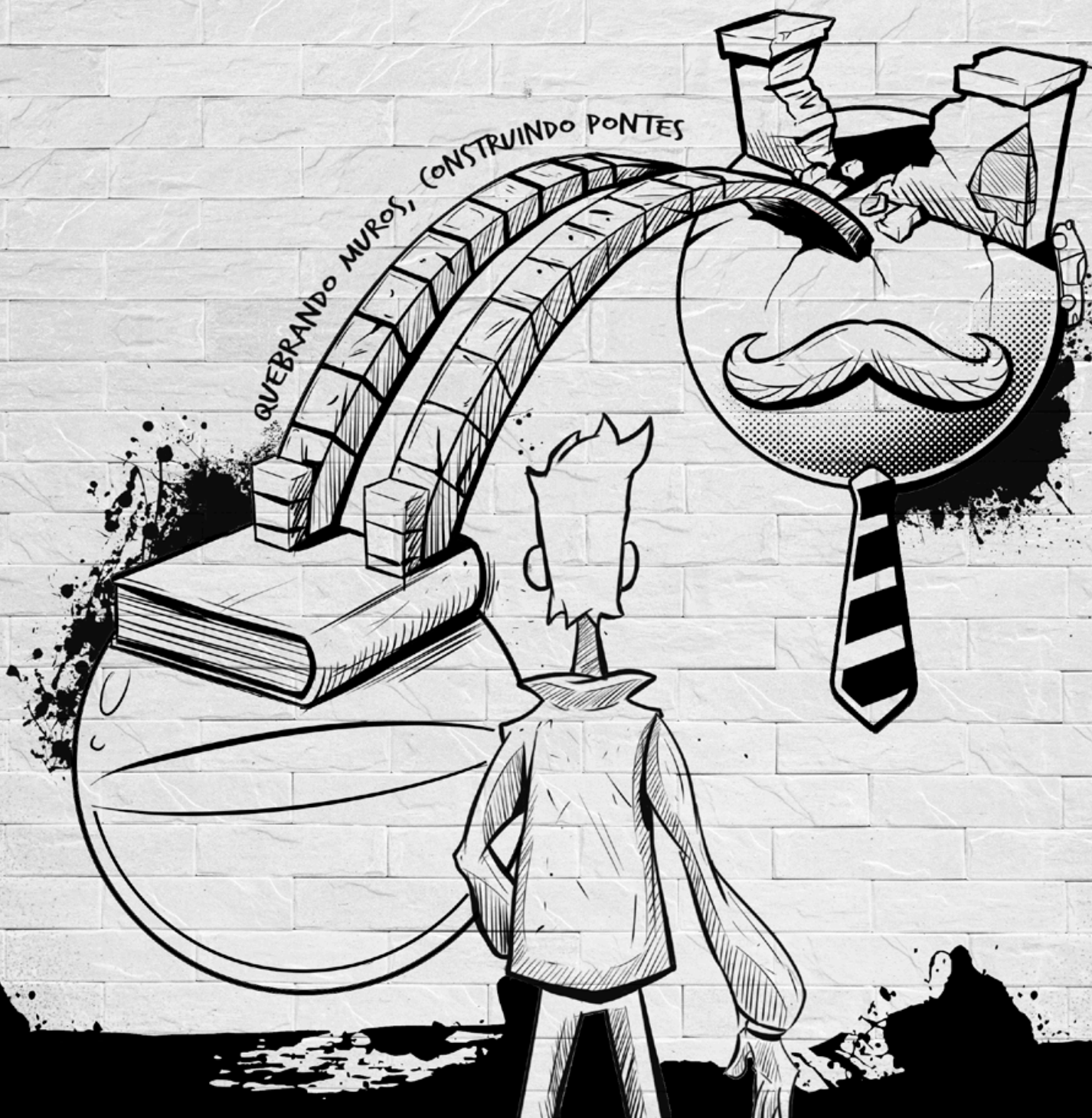
Organização
Sandro Cozza-Sayão
Regina Célia Barbosa

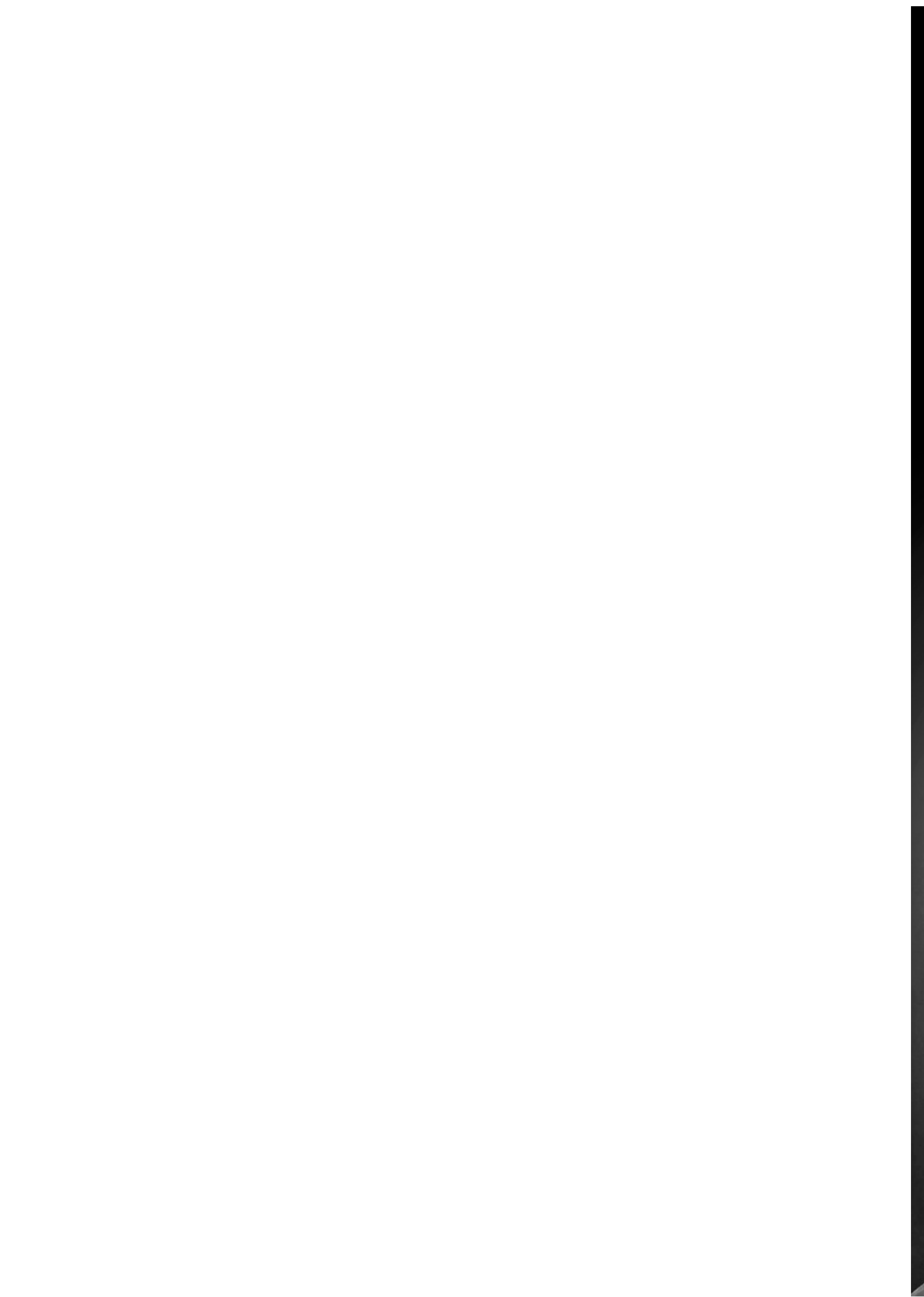
Autores
Marcela Mariz
Carlos Diego
Marcio Cavalcanti
Sandro Cozza Sayão

FRÁGIL



QUEBRANDO MUIROS, CONSTRUINDO PONTES





À Maria da Penha



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sexo frágil : um manual sobre masculinidade e suas questões / autores Marcela Mariz...[et al.] ; organização Sandro Cozza Sayão, Regina Célia Barbosa. -- Rio de Janeiro, RJ : Ed. dos Autores, 2023.

Outros autores: Carlos Diego, Marcio Cavalcanti, Sandro Cozza Sayão.
ISBN 978-65-00-80216-0

1. Machismo 2. Masculinidade 3. Misoginia
4. Violência contra as mulheres I. Mariz, Marcela.
II. Carlos Diego. III. Cavalcanti, Marcio.
IV. Sayão, Sandro Cozza. V. Barbosa, Regina Célia.

23-171924

CDD-362.8292

Índices para catálogo sistemático:

1. Violência contra a mulher : Problemas sociais
362.8292

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

CRÉDITOS DAS IMAGENS

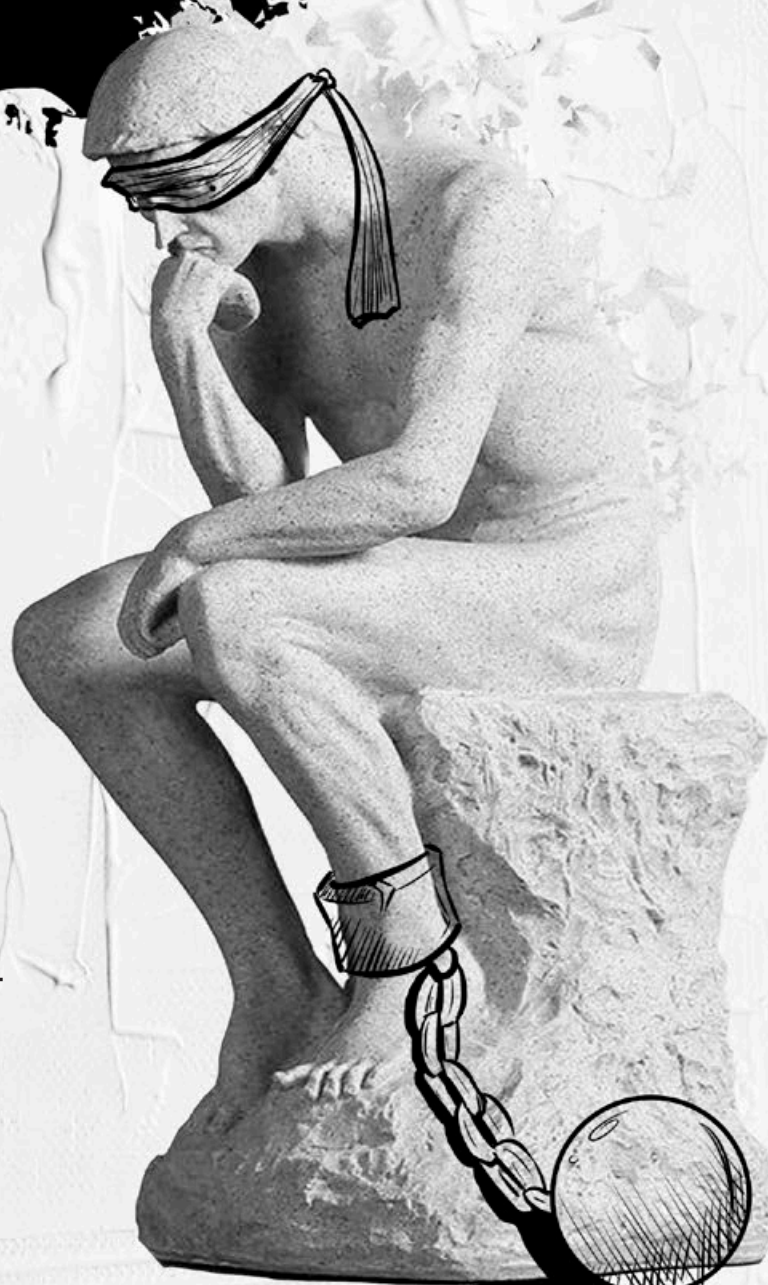
As imagens das páginas 04, 07, 10, 15, 20, 22, 26, 29, 34, 35, 36, 41, 42 e da contracapa foram diagramadas utilizando imagens do site **Freepick.com**

A violência, seja qual for a maneira como ela se manifesta, é sempre uma derrota.

- Jean-Paul Sartre, Situações III



Reflexões, críticas, conceitos e escritos de uma jornada de aprendizado relacionada a temas como: masculinidade, masculinidade tóxica, machismo, machismo estrutural, violência contra a mulher, homofobia e transfobia.



APRESENTAÇÃO



Mudar a si mesmo em busca de um outro modo de ser. Esse talvez seja nosso maior desafio em tempos de grandes contrastes como o que vivemos.

Por mais que tenhamos evoluído tecnologicamente e que as muitas conquistas no campo ético mostrem a importância de sermos responsáveis uns pelos outros, permanecemos ainda prisioneiros da violência, de muitos preconceitos e de antigos julgamentos.

A agressividade faz parte de nosso cotidiano, assim como o machismo é ainda a tônica maior de muitas de nossas escolhas. E poucos são os lugares em que se conseguiu compreender com profundidade que somos plurais e que nossas diferenças não podem ser palco para a negação de direitos e para opressão.

Se olharmos com atenção para a perspectiva que cerca a questão de gênero, principalmente no que tange ao papel do homem na sociedade e a violência sofrida pelas mulheres pelo simples fato destas serem mulheres, veremos como temos muito o que fazer.

Sustentada por concepções e representações que se reproduzem por diferentes meios (mídia, escola, igrejas entre outros) e que colocam a mulher num papel secundário, subserviente e objetal; e pela ideia de que ser homem é ser mais do que essas, a violência contra as mulheres é uma dura realidade que nos enche de vergonha e perplexidade.

Diferentes grupos de pesquisa responsáveis por acompanhar o dia a dia da violência sofrida pelas mulheres no Brasil afirmam que, embora tenhamos criado estruturas protetivas importantes como a lei Maria da Penha (2006), ainda estamos longe de afastarmos a chaga da violência mortal que as atinge.

De muitos modos e nos mais variados contextos sociais, mulheres de

todas as faixas etárias são agredidas, assediadas e hostilizadas, quando não violentadas e mortas por homens recalcados, frustrados e violentos, que buscam autoafirmação constante.

E mudar esse cenário de dor significa ultrapassar as representações sociais e os modos de pensar em que o homem aparece como aquele que “é mais do que a mulher”, como aquele que tudo pode e para o qual a mulher deve obediência, satisfação e subserviência.

O que nos faz pensar que o desafio à nossa frente é também educativo e desconstrutivo. A mudança pretendida passa pela necessidade de transformarmos mentalidades e concepções, atingindo de modo crítico e problematizador valores, sentidos e concepções do que é ser homem e do que é ser mulher.

Nesse sentido, foi acreditando na mudança e na transformação de nosso modo de ser e na força desconstrutiva de um discurso que busca questionar o que se coloca como algo trivial e comum, que nos interessamos em trabalhar os conceitos aqui reunidos.

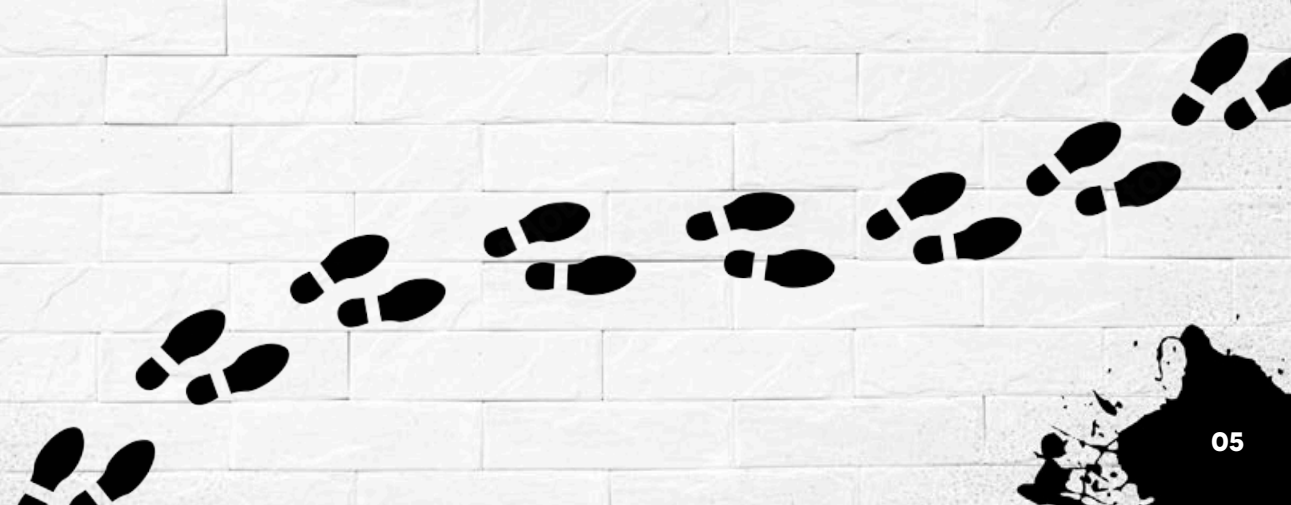
Nessa cartilha, buscaremos contribuir com todos aqueles que desejam uma nova masculinidade. Os que têm coragem de acessar ideias e comportamentos que foram aprendidos desde muito cedo, para assim buscar novas perspectivas de vida e uma nova realidade para as relações que estabelecem.

É com esse intuito que desejamos a todas e todos uma boa leitura. Que esse material possa servir de estímulo ao começo de uma nova jornada e para a construção de um tempo em que o respeito e a rejeição a toda forma de abuso, assédio ou exploração seja base e ponto de sustentação.

Nosso agradecimento especial a FEBRABAN e FENABAN que acreditaram nesse projeto e que, junto conosco, resolveram levar para o ambiente corporativo os elementos reflexivos que almejam a superação da violência em relação às mulheres.

Prof. Dr. Sandro Cozza Sayão

Organizador





ALGUMAS INFORMAÇÕES

■ APENAS EM **2006** COM A PROMULGAÇÃO DA LEI MARIA DA PENHA (LEI Nº 11.340), O BRASIL PÔS TERMO À FALTA DE UM MARCO LEGAL CAPAZ DE PROTEGER AS MULHERES VÍTIMAS DE AGRESSÕES NO ÂMBITO DOMÉSTICO, FAMILIAR OU DE SUAS RELAÇÕES DE AFETO;

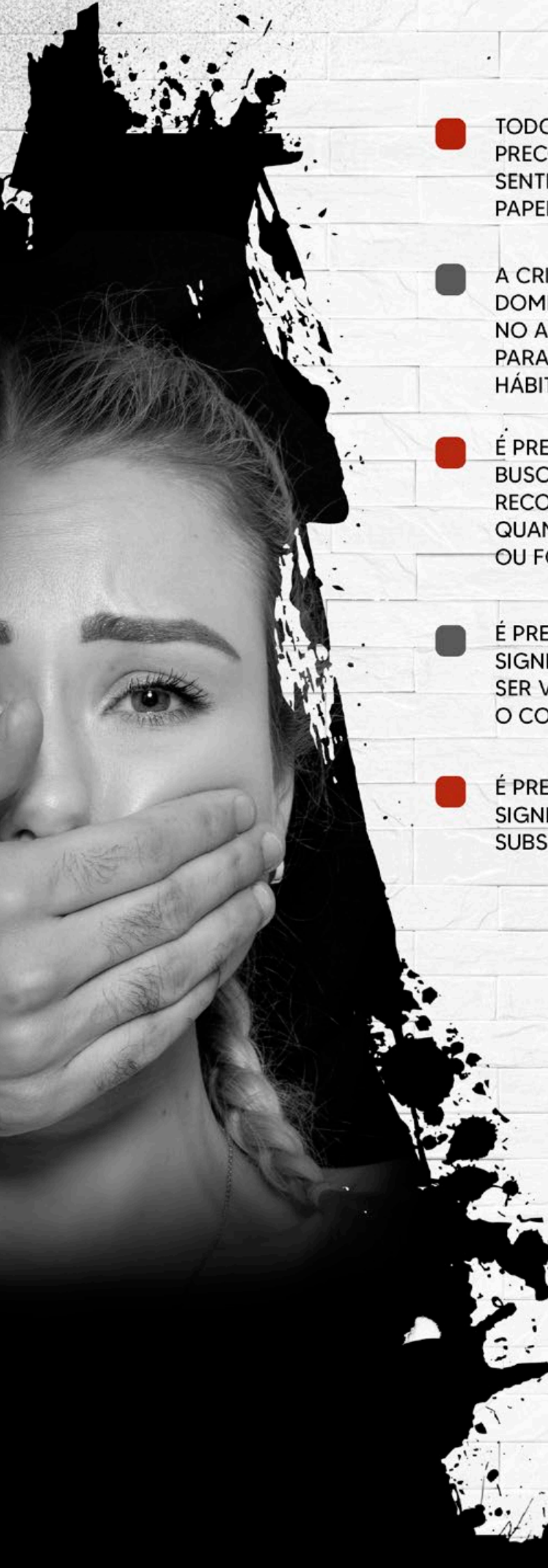
■ SEGUNDO DADOS DO FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, **18 MILHÕES DE MULHERES**, APENAS EM 2022, RELATARAM TEREM SIDO VÍTIMAS DE ALGUMA FORMA DE VIOLÊNCIA. ESSE DADO PODE SER AINDA MAIOR EM RAZÃO DA SUBNOTIFICAÇÃO OU MESMO DO SILÊNCIO EM QUE MUITAS MULHERES PERMANECEM;

FONTE: [HTTPS://FORUMSEGURANCA.ORG.BR/
WP-CONTENT/UPLOADS/2023/03/
VISIVELEINVISIVEL-2023-RELATORIO.PDF](https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-relatorio.pdf)

■ EM SEUS RELATOS, AS MULHERES QUE FORAM VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DIZEM TER SOFRIDO EM MÉDIA QUATRO AGRESSÕES AO LONGO DO ANO. ESSE NÚMERO, ENTRE AS DIVORCIADAS, SOBE PARA NOVE VEZES AO ANO;

■ AS AGRESSÕES E OS CASOS DE MORTE DE MULHERES NO CONTEXTO DAS RELAÇÕES DOMÉSTICAS, FAMILIARES E DAS RELAÇÕES DE AFETO SÃO, NA SUA QUASE TOTALIDADE, PROVOCADAS POR HOMENS (FAMILIARES, CÔNJUGES, COMPANHEIROS, NAMORADOS OU EX-MARIDOS, EX-AMANTES, EX-NAMORADOS ETC.);

■ GRANDE PARTE DESSA VIOLÊNCIA DECORRE DA CULTURA MACHISTA EM QUE VIVEMOS. DO MACHISMO ESTRUTURAL E DA MISOGINIA QUE ATRAVESSA TODAS AS CLASSES SOCIAIS NO BRASIL;



- TODOS NÓS CARREGAMOS CONOSCO PRECONCEITOS, IDEIAS, REPRESENTAÇÕES E SENTIDOS QUE COLOCAM AS MULHERES NUM PAPEL DE INFERIORIDADE;
- A CRISE NAS RELAÇÕES, SEJAM ELAS DOMÉSTICAS, FAMILIARES, AFETIVAS OU MESMO NO AMBIENTE DE TRABALHO, SÃO UM CHAMADO PARA A TRANSFORMAÇÃO URGENTE DE NOSSOS HÁBITOS, COSTUMES E FORMAS DE SER E PENSAR;
- É PRECISO ASSUMIR QUE NÃO É DEMÉRITO ALGUM BUSCAR AJUDA E QUERER MELHORAR QUANDO RECONHECEMOS EM NÓS ALGO QUE NÃO É BOM. QUANDO PERCEBEMOS EM NÓS PRECONCEITOS OU FORMAS DE PENSAR ULTRAPASSADAS;
- É PRECISO COMPREENDER QUE SER HOMEM NÃO SIGNIFICA SER INSENSÍVEL E INCAPAZ DE OUVIR, SER VIOLENTO, RUDE OU INDISPOSTO A ACEITAR O COMANDO DE MULHERES;
- É PRECISO ENTENDER QUE SER MULHER NÃO SIGNIFICA SER FRÁGIL, DÓCIL, SUBMISSA OU SUBSERVIENTE;
- QUE HÁ VÁRIOS TIPOS DE VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES, ALGUMAS MAIS EVIDENTES E OUTRAS MAIS DISSIMULADAS E
- QUE UM HOMEM NÃO MACHISTA NÃO É UM HOMEM FRACO, SEM FORÇA OU CORAGEM;
- QUE ESTABELECEER UMA CULTURA DE PAZ É UM COMPROMISSO DE CADA UM DE NÓS.





A TARDIA LUTA PELA SUPERAÇÃO DO MACHISMO

APENAS EM...

1960

Surge a pílula anticoncepcional



1962

foi criado o estatuto da mulher casada. A partir desse, as mulheres não mais precisaram pedir permissão de seus maridos para poderem trabalhar e também passaram a ter direito à herança e a solicitar a guarda dos filhos em caso de separação. Neste ano a pílula anticoncepcional chega ao Brasil

1974

as mulheres conquistaram o direito a ter um cartão de crédito



1977

a Lei do Divórcio é aprovada e as mulheres podem a partir daí solicitar a separação

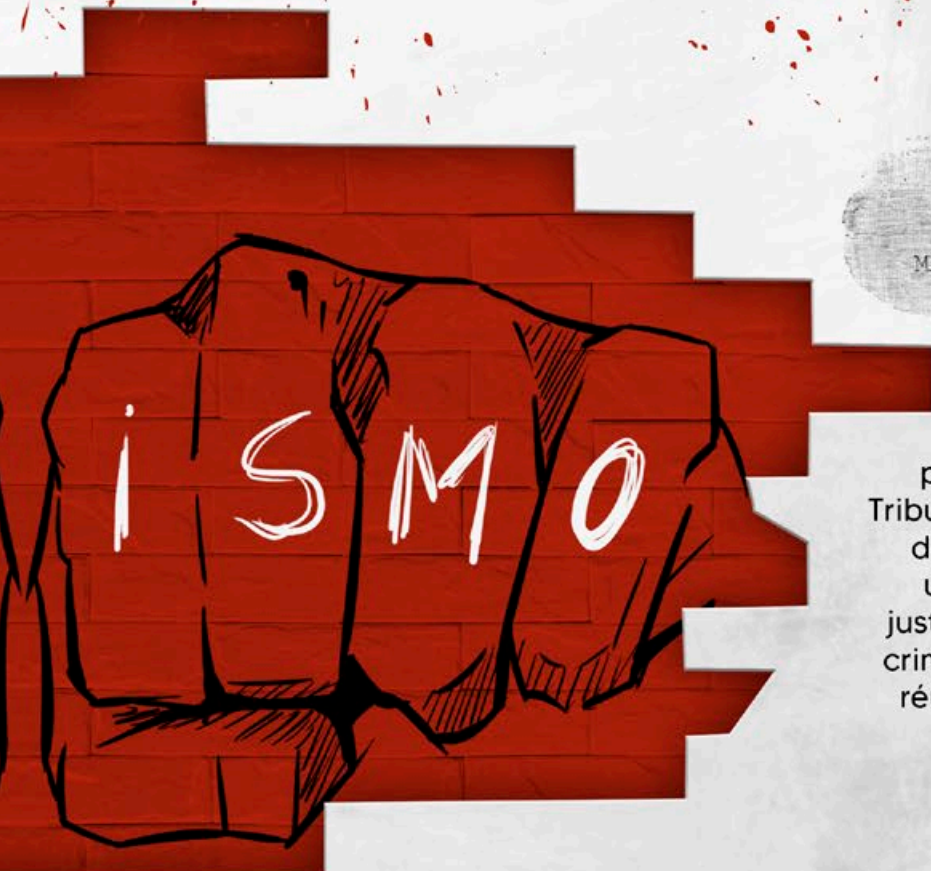


1979

as mulheres conquistam o direito à prática do futebol



a Const
a re
co



2023

por unanimidade, o Supremo Tribunal Federal derrubou a tese de legítima defesa da honra - usada como argumento para justificar feminicídios em ações criminais, sobretudo quando os réus são levados a júri popular

2018

a importunação sexual feminina passou a ser considerada crime

2015

é aprovada a Lei do Feminicídio

1985

é criada a primeira Delegacia da Mulher



2006

é promulgada a Lei Maria da Penha que garante a proteção contra a violência doméstica e familiar

1988

Constituição Brasileira passa a reconhecer as mulheres como iguais aos homens



a "Falta da virgindade" deixa de ser motivo para anular o casamento

2002

Expressões machistas de nosso dia a dia

“Ela é minha!”

“Mulher minha não trabalha!”

“Sexo frágil”

“Está de TPM?”

“Ela é muito bonita para ser inteligente.”

“O que será que ela fez para se destacar tanto no trabalho...”

“Mulher no volante, perigo constante!”

“Lugar de mulher é na cozinha!”

“Trabalho de mulher”

“Cabelo Joãozinho”

“Ele agrediu ela, mas ela deve ter provocado!”

“Mulheres são todas histéricas!”

“Homem não chora!”

“Isso é coisa de menina!”

“Ela é toda crítica porque é mal-amada.”

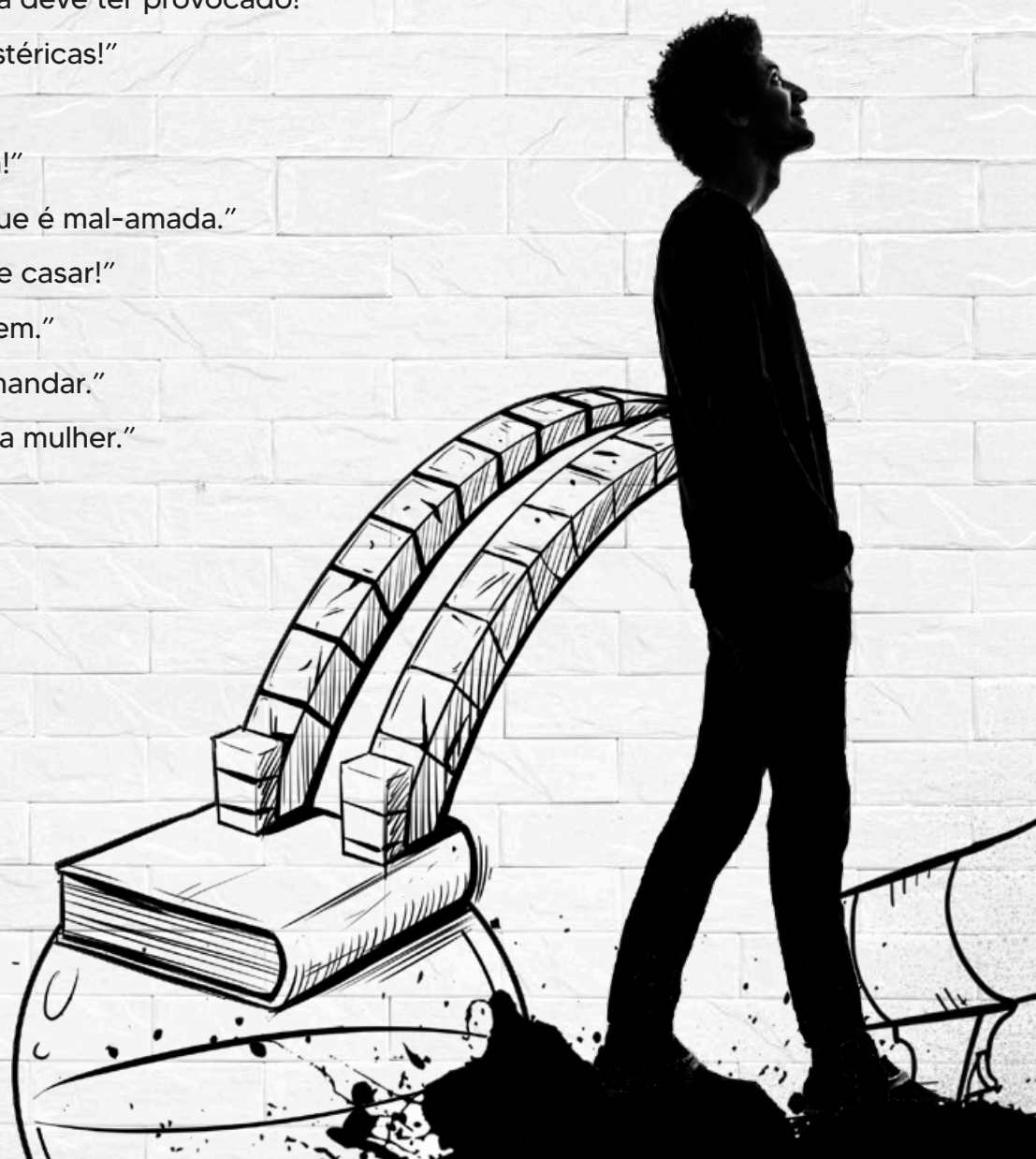
“Já sabe cozinhar, pode casar!”

“É da natureza do homem.”

“Homem nasceu para mandar.”

“Esse aí é mandado pela mulher.”

“Mulher é tudo igual!”



O QUE É A CARTILHA SEXO FRÁGIL:

UM MANUAL SOBRE MASCULINIDADE E SUAS QUESTÕES

Esta cartilha tem por eixo central de trabalho a necessidade de repensarmos o sentido de masculinidade em nossa sociedade e em como ele está associado a elementos como agressividade, violência, intolerância, baixa sensibilidade, falta de empatia, entre outros.

Fatores do que se convencionou chamar aqui de masculinidade tóxica e perversa. Quer dizer, uma masculinidade repleta de recalques, fragilidades e frustrações que é causadora da violência contra as mulheres e da crise vivida pelos próprios homens.

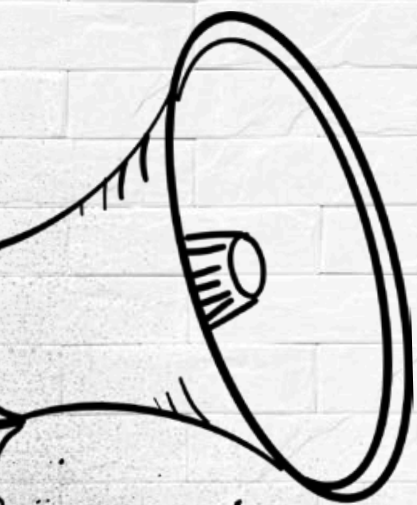


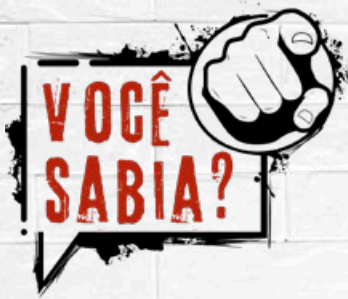
Esse papo é sério! Entende-se por TÓXICO tudo aquilo que envenena; que tem a propriedade de envenenar; que ou o que produz efeitos nocivos.

Quando aproximamos o adjetivo tóxico da palavra masculinidade, formando com isso o termo masculinidade tóxica, o que pretendemos revelar é exatamente um modo de ser homem “pernicioso”, no qual o homem assume o papel de opressor, violento, manipulador, perseguidor entre outros.

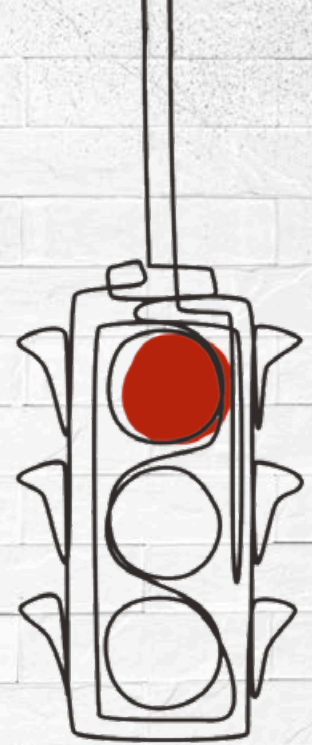
Assim, Masculinidade tóxica é exatamente um comportamento, uma postura, um modo de ser e pensar, que gera ações negativas, agressivas, mortais e nocivas, tanto na relação que esses homens estabelecem com as mulheres, como na relação que eles estabelecem com outros homens e consigo mesmos.

Dessa forma, a masculinidade tóxica é algo extremamente ruim para as mulheres, mas é também ruim para os próprios homens. Dela nasce a violência contra as mulheres, a dificuldade do homem em aceitar suas fragilidades e frustrações e a total falta de abertura e empatia em que muitos homens se mantêm.





Você sabia? É no desejo de qualificar algo como nocivo, que também podemos falar em relacionamentos tóxicos. Isso para nos referirmos às relações que impactam física, moral ou psicologicamente as pessoas.



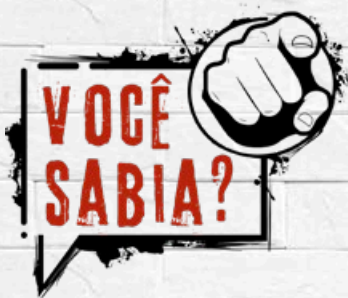
FALAR SOBRE MASCULINIDADE

TÓXICA É ALGO FUNDAMENTAL: É preciso convidar os homens a falarem sobre si mesmos e sobre os elementos que tornam uma determinada ideia de masculinidade nociva. Só assim poderemos desconstruir antigos preconceitos e abrir espaço para novas possibilidades.

OLHAR DE FRENTE PARA O PROBLEMA É A ÚNICA FORMA DE MUDAR:

Acostumados a falar de tudo, mas indispostos a olharem para si mesmos, os homens têm dificuldade em pensar sobre sua masculinidade e em que medida podem estar reproduzindo comportamentos violentos e preconceituosos. Não é à toa que muitos repetem antigas formas de ser e têm tanta dificuldade em mudar.

MASCULINIDADE E ORIENTAÇÃO SEXUAL: É preciso considerar que pensar sobre masculinidade não significa necessariamente pensar sobre nossa orientação sexual, mas sim refletir a respeito “do que é ser homem” e como aprendemos a respeito dos papéis sociais que homens e mulheres devem ter na sociedade. É pensar por que para muitos ser homem é sentir-se superior em relação às mulheres. É questionar antigas verdades nas quais é dito que homem não chora e que deve viver em silêncio suas angústias, medos, frustrações e ansiedades. Que ser homem é sexualizar toda relação possível com mulheres e se colocar sempre num papel de comando quando diante delas. É pôr em xeque a ideia de que a mulher deve se curvar e silenciar diante do homem, tendo de aceitar sempre suas investidas e imposições.



Você sabia? Muitos homens têm sofrido de depressão e ansiedade simplesmente por não buscarem apoio para falar de si. Que muitos procuram tratamento médico apenas em último caso e em estágios avançados de determinadas doenças por simplesmente acharem que ser homem é ter que não admitir nenhum tipo de fragilidade.

Há um grande preconceito por parte dos homens, quando imersos numa dada visão de masculinidade tóxica, em admitir que precisam de ajuda, principalmente psicológica. Não é por nada que muitos têm problemas com o uso de álcool e drogas. Usam esses como válvulas de escape e, quando acontece isso, a “bronca” já é grande.

HÁ RELAÇÃO ENTRE O SENTIDO QUE TEMOS DE MASCULINIDADE E NOSSA CULTURA?

Muito do que aprendemos e compreendemos sobre o que é ser homem é uma herança cultural carregada de sentidos, representações e preconceitos.

A maneira como se representa a masculinidade e a ideia que temos de virilidade foram apreendidas quase que automaticamente, em cadeias sucessivas de ideias e valores que foram e são passados de geração em geração.

Isso sem que se pense criticamente a respeito, sem nos darmos conta de como essas ideias fazem parte de nós e de como elas influenciam em nosso modo de agir e pensar.

São filhos que veem seus avós, pais ou outros familiares sendo violentos, brutos ou machistas e relacionam isso a ser homem.

Por associação, acabam achando que ser homem é ser “cabeça dura”, insensível ou mesmo preconceituoso. Que ser homem é se autoafirmar constantemente ou ser incapaz de aceitar que mulheres se imponham ou assumam o protagonismo de algo.



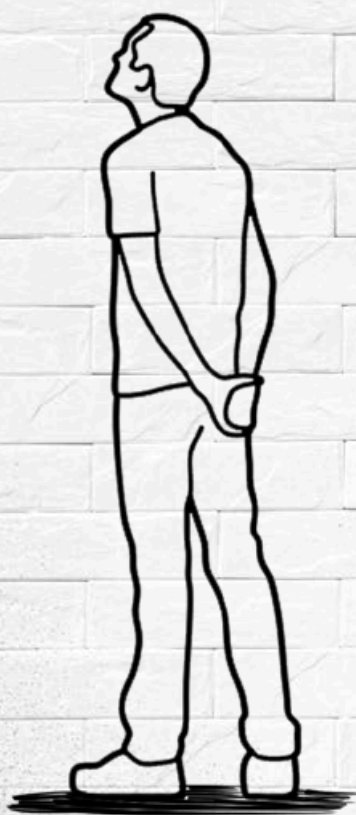
Você sabia? Muito do que achamos ser nossa forma de ser no mundo, nada mais é do que um comportamento aprendido. E que se esse foi aprendido, pode ser modificado. Alguns dizem: “eu sempre fui assim e não vou mudar”. Isso é um erro. A vida é pura transformação e dinamicidade. Tudo muda, tudo se transforma e tudo pode ser diferente do que é.

SOMOS TODOS MACHISTAS?

É importante compreender que, como filhos e filhas de uma cultura machista, fomos acostumados e adequados a pensar de um jeito ou de outro sobre o que é ser homem e sobre o que é ser mulher. Sobre os papéis que devem desempenhar na sociedade e sobre o que cabe a cada um deles. E, de um modo corrente, o que temos é uma visão hierarquizada. Nela, o homem é visto como superior à mulher, enquanto ela é colocada num papel secundário, submisso e frágil.

Esse esquema valorativo é cultivado e reproduzido sem crítica ou afetação. Isso a ponto de assumir um caráter de verdade absoluta e inquestionável.

Nesse sentido, compreender como nossas concepções estão carregadas de elementos que colocam a mulher numa posição de inferioridade em nossa sociedade, de como



reproduzimos antigos esquemas que a pensam como um objeto que deve ser subserviente e passivo e de como é ela quase que propriedade do homem, é não só uma necessidade, mas algo urgente.



**ESSE PAPO
É SÉRIO**

Esse papo é sério! Grande parte da violência contra a mulher nasce exatamente dessa dissimetria, desse pensamento que tem o homem como aquele que é mais do que a mulher.

É preciso compreender que essa forma ultrapassada e bizarra de se entender o que é ser mulher na sociedade, acaba autorizando muitos homens a comportamentos violentos, agressivos e possessivos. E o que é pior: esses valores autorizam muitos a assediar violentar e agredir de forma bárbara inúmeras mulheres.

O MACHISMO É MORTAL: muitas mulheres são mortas simplesmente porque seus companheiros, maridos ou namorados não aceitam o término de uma relação. Ou são assediadas e violentadas porque os homens as enxergam como algo a ser usado. São homens que enxergam as mulheres como um objeto, uma propriedade sua e não aceitam de modo algum que elas tenham autonomia, independência e vontade própria. Não veem problema em trair e abandonar, nem tampouco em assediar ou hostilizar, mas reagem de modo absurdamente violento quando se sentem frustrados. Como se lhes fosse algo inadmissível aceitar um não ou que relações cheguem ao fim ou sejam passíveis de resignificação.

São homens que se tornam verdadeiros agressores e assassinos simplesmente por não aceitarem separações, por não aceitarem que suas companheiras busquem sua independência financeira ou que estudem ou simplesmente que essas digam não às suas investidas.

E é a essa toxicidade que precisamos buscar o antídoto da reflexão e da crítica.



**VOCÊ
SABIA?**

Você sabia? Que o medo do abandono, o medo de ser deixado ou “trocado”, o medo de se tornar frágil ou “segundo”, o medo de que diante da recusa de uma “investida” sua própria virilidade seja questionada, é um fantasma que ronda a cabeça de muitos homens. O medo de se sentir menos “homem” e que os outros o vejam como menos viril é uma preocupação constante que leva a necessidade de autoafirmação constante.



**FICA A
DICA**

Fica a dica: expressões como: “você é minha”; - você me deve obediência; - “você não pode sozinha”; - você é dependente, é sinal de que algo não vai bem, que algo precisa mudar e ser transformado. Quando rimos de mulheres, as tratamos com ironia ou hostilidade, isso é sinal de machismo.

O QUE É SER **HOMEM**?

O que é ser homem em nossa sociedade? Você já parou para pensar nisso?

De início deixamos claro que não estamos nos referindo a qualquer questionamento a respeito da sexualidade, da orientação sexual de cada um.

Falamos isso porque na maioria dos casos quando homens são perguntados a respeito do que é ser homem, a primeira questão que lhes vem à cabeça é a respeito da sua sexualidade.

Enquanto as mulheres se referem a uma série de outras questões quando perguntadas sobre o que é ser mulher, como: ser mãe, acolhedoras, delicadas etc; homens, na maior parte das vezes, fazem referência ao seu comportamento sexual. A sua performance heterossexual.

Como se houvesse inclusive a possibilidade de uma gradação em ser mais ou menos homem de acordo com o desempenho na hora do sexo.

Há nisso uma espécie de fixação fálica (falo = pênis), na qual a compreensão do que é ser homem está relacionada única e exclusivamente a posse de um “pênis” e em usá-lo de modo heterossexual. Aí, toda forma de distanciamento da masculinidade de referência, cujo papel de potência e desempenho é reverenciado, seria algo a ser reprovável.



**ESSE PAPO
É SÉRIO**

Esse papo é sério! É preciso compreender que a presença do pênis não é, por si só, indicativo de uma dada identidade de gênero.

Quer dizer, não é porque você tem ou não um pênis que você é ou não homem. Isso pode parecer estranho, mas não é.



Pense conosco... há muitos casos de homens que perderam o pênis por alguma doença ou acidente grave. Você acha que isso ocorrendo eles deixam de ser homens por simplesmente não terem mais o pênis?

A identidade de gênero está associada a questões que não estão propriamente relacionadas ao corpo, à biologia ou a regras externas.



Você sabia? Segundo a ONG Oncoguia, a amputação de pênis cresceu 1604% no Brasil em 14 anos. O câncer é a maior causa.

Para saber mais: www.oncoguia.org.br

Outro ponto interessante. Quando diante da pergunta “o que é ser homem?” muitos respondem com adjetivos como: ser forte, provedor, corajoso, destemido, responsável, honesto e honrado.

MAS POR QUE A IDEIA DE MASCULINIDADE ESTÁ ATRELADA A ESTES ADJETIVOS?

Porque a construção social da masculinidade é reforçada por diversas instituições, incluindo a mídia, a educação, a religião e a família. Desde a infância os meninos são ensinados a agir de maneira “masculina”, a não chorar, a não demonstrar fraqueza ou emoções consideradas “femininas”, e a serem agressivos e competitivos.

Esses padrões são reforçados ao longo da vida, criando uma pressão para que os homens se encaixem nesse modelo de masculinidade.

Além disso, a ideia de masculinidade está ligada a outras formas de poder e privilégio, como a dominação sobre as mulheres e a heterossexualidade. A construção social da masculinidade envolve, na maior parte das vezes, uma dada hierarquia de gênero, em que os homens são considerados superiores às mulheres com direito de dominá-las e comandá-las.

Essa visão hierárquica é reforçada por normas sociais e institucionais, como o casamento, a família e as leis.

Portanto, a ideia de masculinidade como força, coragem, virilidade e agressividade está atrelada à uma construção social da masculinidade que valoriza essas características e as associa a outras formas de poder e privilégio.





Você sabia? Machistas não aceitam mulheres em cargos superiores ao seu; têm dificuldade de considerar o comando vindo de mulheres; acham que, simplesmente por serem mulheres, são inferiores e frágeis.

EM QUE MEDIDA A MULHER É TÃO FORTE, RESPONSÁVEL, HONRADA, HONESTA E CORAJOSA QUANTO O HOMEM E EM QUE MEDIDA ESSES ADJETIVOS SÃO EXCLUSIVOS DO SEXO MASCULINO?

É preciso compreender que paira sobre nossas cabeças a representação de que o feminino é exatamente o oposto do masculino, ou seja: que se o homem é corajoso, forte, responsável e independente; a mulher é menos corajosa, frágil, irresponsável, dependente etc.

Que ao homem é atribuída toda uma dimensão de força e coragem, enquanto a mulher é relacionada à fragilidade e à vulnerabilidade.

Outro ponto, é que se certos atributos são empregados também para as mulheres, esses apresentam certa especificidade diferente daquela atribuída aos homens.

Por exemplo: “mulher honrada e mulher honesta” muitas vezes não apresenta a mesma concepção, no senso comum, que as expressões “homem honrado e homem honesto”.

Quando esses adjetivos são empregados para as mulheres, o que em muitos casos está em voga é a fidelidade sexual da mulher em relação ao homem.

“Honrada e honesta” são assim expressões utilizadas para representar a mulher que não trai e que tem um comportamento culturalmente reconhecido como recatado e discreto.

Já no caso masculino, são expressões que espelham a postura do homem num sentido nada sexual, mais atrelado a sua postura de integridade frente aos compromissos sociais, como “ter palavra”, não “roubar” etc.





FICA A DICA

Fica a dica: Parece óbvio que mulheres e homens podem ser adjetivados com os mesmos termos. Não há qualquer sentido que possa justificar a ideia de que mulheres não sejam igualmente ou até mais fortes, responsáveis, corajosas ou provedoras do que os homens.

Mas por que o senso comum atribui estas qualidades ao sexo masculino?

Um primeiro ponto a ser considerado é que os adjetivos atribuídos à figura masculina implicam numa conceituação fundamental baseada em representações e sentidos nascidos da cultura e da sociedade e não de perspectiva natural ou essencial. Ou seja, embora deem a impressão de refletirem uma dada natureza do que é ser homem e do que é ser mulher, no fundo o que esses representam são sentidos tecidos e atribuídos tanto ao homem quanto à mulher ao longo do tempo.

A essência do que promulgam, outra coisa não é senão reflexo de determinados preconceitos e mesmo valores que cultivamos e repetimos entre nós. São sentidos e representações sociais que numa dada cultura ecoam e ressoam e dos quais assumimos como verdades imutáveis.

Não é por nada que Simone de Beauvoir, filósofa francesa, mostrou em sua obra - *O segundo sexo* - como em nossa sociedade a mulher é, na maioria das vezes, vista num papel secundário e subserviente. Como quem está sempre um passo atrás do homem e na sua sombra¹.



ESSE PAPO É SÉRIO


Esse papo é sério! É preciso considerar que, em nossa cultura, quase todos os adjetivos atribuídos aos homens são quase que automaticamente invertidos em relação à mulher. O que vai revelar ainda uma outra questão, qual seja: quando uma mulher é corajosa, provedora ou responsável, essa é por fim considerada uma mulher não feminina, com atributos masculinos. O que vai normalmente resultar no questionamento da sua sexualidade. E não é à toa que mulheres líderes ou que ocupam cargos de chefia ou

de comando são, muitas vezes, associadas a figuras masculinas, com atributos masculinizados.

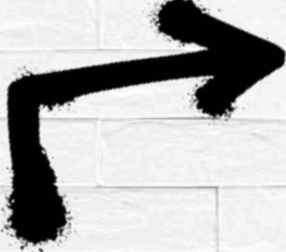
O grande ponto aqui recai na sistemática tentativa de manutenção dos papéis sociais ditos masculinos e femininos, na superioridade de um e inferioridade do outro.

Ver. BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

FALANDO UM POUCO MAIS A RESPEITO DAS QUESTÕES CULTURAIS E DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS



Questão cultural: um homem nascido no Brasil provavelmente não ache comum dois homens andarem de mãos dadas ou abraçados pelas ruas. Para a maioria, esse comportamento é estranho ou é atribuído a homossexuais. O que para outras culturas e países, como o Marrocos, é algo absolutamente normal. Nessas culturas, homens andam de mãos dadas com homens, isso de nenhuma forma é atribuído a questões sexuais.




Questão temporal: Para um homem que viveu no Brasil em 1600, cem anos após o descobrimento, utilizar peruca, pó de arroz, maquiagem e meias calças, copiando a corte europeia, era algo absolutamente normal. Já o homem de agora acha essas atitudes “coisa de mulher” ou de homossexuais.

De onde vieram essas mudanças comportamentais e de valores? A que elas se devem? Houve alguma alteração genética (natureza) do homem brasileiro de 1600 para cá? Há alguma diferença cromossômica entre o homem do passado e o homem brasileiro de hoje? Não...

Essas questões servem para mostrar como as mudanças de concepções não estão alicerçadas em nada mais do que à dinâmica das culturas e das sociedades. Que a construção do ideário masculino não está relacionada a elementos “naturais” e que não há nenhuma explicação para nossas concepções senão àquelas nascidas das escolhas que fazemos, dos sentidos que atribuímos e dos valores que resolvemos cultivar.

Com isso, cai por terra toda ideia de natureza humana. Homens ou mulheres não estão determinados a serem isso ou aquilo. Nem existe uma única maneira de ser homem, ou uma única maneira de ser mulher. Podemos falar de mulheridades, como também de masculinidades.



Assim como não há nenhuma referência em nosso código genético que determine que iremos ser astronautas, militares e bailarinos; não há em nenhum de nossos cromossomos algo que determine que devemos usar azul ou rosa; ou ainda, se iremos ser fortes, honrados ou responsáveis.



**ESSE PAPO
É SÉRIO**

Esse papo é sério! É preciso deixar claro que os “papéis” de cada gênero não são algo inato, mas uma construção social e cultural que se retroalimenta por diferentes aparelhos ideológicos e por toda uma microfísica de elementos que reafirmam como verdade aquilo que nada mais é do que uma invenção.



**VOCÊ
SABIA?**

Você sabia? Seguindo nessa mesma perspectiva de análise, em que subjetividades são enquadradas em certos esquemas do que “é” e do que “não é” esperado de cada um dos gêneros (ainda nos referimos aqui à dimensão binária de meninos e meninas, embora se possa extrapolar essa designação) destacamos como as meninas são impedidas de desenvolver certas competências e habilidades consideradas eminentemente masculinas. Isso desde os primeiros anos da infância. Enquanto

os meninos são estimulados para o trânsito nas ruas, para a liberdade do ir e vir; as meninas são tolhidas ao participar de brincadeiras que desenvolvam a noção de espaço e habilidades ligadas à lógica, à força e à velocidade. A elas são reservadas brincadeiras com bonecas e utensílios domésticos no afã de se tornarem futuras “donas de casa” e “mães”.

Isso mesmo depois de todas as discussões feministas realizadas na segunda metade do século XX em que as mulheres denunciaram os mecanismos de opressão, controle e formatação a que eram sujeitas.

“Quem nunca escutou: - isso não é coisa de menina... meninas não devem fazer isso...”

Isso é coisa de menino? De outro lado, há que considerar também uma outra reprovação, agora sofrida pelos meninos: aos quais é impedida qualquer atividade lúdica que desenvolva o afeto, a empatia ou tarefas tidas como femininas. Sob a justificativa de que desse modo eles se tornarão frágeis e “afeminados”.

A sociedade seleciona atividades que são próprias para meninas e meninos, para que esses respondam aos papéis que deles são esperados. E nesse cenário, destaca-se o fato de como desde aí é estimulada uma dada masculinidade atrelada à brutalidade, à agressividade, ao mando e à intolerância de qualquer comando por parte das mulheres.

Quem nunca escutou: *“meninos não choram”?*

Desta feita, é importante que reflitamos sobre os “papéis de gênero” que nos são impostos pela sociedade.

A moldura limitante que os outros nos impõem acaba por acarretar frustrações, depressão e infelicidade.

Por isso, pode-se dizer que é urgente sermos nós mesmos!





CHEGA DE MACHISMO

Machismo é todo comportamento e modo de pensar que coloca os homens num papel de superioridade em relação às mulheres. Quer dizer, um comportamento ou ideia na qual homens e mulheres são vistos de modo desigual, não simétrico e não ocupando um mesmo patamar de importância e status social, como tampouco um mesmo nível de direitos e deveres. Por machismo compreende-se toda relação na qual a figura masculina deve ser enaltecida diante da feminina e que a esse são devidos privilégios e regalias.



**ESSE PAPO
É SÉRIO**

Esse papo é sério! Por machismo compreende-se toda relação na qual a figura masculina, com privilégios e regalias devidos, deve ser enaltecida diante da feminina.

Em termos de maior ou menor valia, o homem seria, dentro desse contexto, mais que a mulher e por tal razão deveria ocupar distintos papéis na sociedade, sendo a ele devido por natureza um status de maior poder, comando e controle.

O QUE É MACHISMO ESTRUTURAL?

Compreende-se por machismo estrutural o conjunto de elementos e dispositivos sociais baseados em concepções machistas, dissimulados ou não, sob os quais se estabelecem as relações de uns com os outros e de todos com a sociedade. Ou seja, o machismo encontra-se entre nós, mesmo quando não somos diretamente machistas, mesmo quando não acreditamos que haja superioridade ou inferioridade entre os gêneros. Isso por razões históricas, por todo um passado machista no qual se colocou o homem num patamar de superioridade.

Nesse sentido, lutar contra o machismo estrutural é lutar contra elementos que há muito estão entre nós e determinando que mulheres ganhem menos que homens, mesmo desempenhando os mesmos cargos e trabalhos; que homens sejam imediatamente considerados mais aptos a uma série de atividades relacionadas ao comando, à força e à coragem; que uma boa mulher deve ser mãe, obediente, meiga e dócil, entre outros.

O QUE É MISOGINIA?

Misoginia é a repulsa, ódio e aversão que homens sentem por mulheres. Ódio, aversão e repulsa que não significa falta de interesse sexual por elas, mas a indisposição de alguns homens a se relacionar em pé de igualdade e mesmo estabelecer qualquer forma de interação social baseada no diálogo, na troca ou na interação com as mulheres.



ESSE PAPO É SÉRIO

Esse papo é sério! A misoginia é a principal causa da violência contra as mulheres e da grande parte dos atos perversos a elas dirigidos.

Abusos sexuais, hostilização de toda natureza, violência direta e indireta, desprezo, mutilações, torturas, hostilidade e perseguição contra as mulheres estão baseadas em comportamentos e atitudes misóginas presentes em nossa sociedade.



VOCÊ SABIA?

Você sabia? A palavra “misoginia” vem do grego misoginia, que é a junção de miseó, que significa “ódio” e gyné, que significa “mulher”.

CULTURA MACHISTA - O QUE SIGNIFICA ISSO?

Machismo, Machismo estrutural e Misoginia de um modo ou outro, acabam sendo faces de um mesmo contexto de valores, sentidos e atitudes que partem da ideia da superioridade do gênero masculino. A separação hierarquizada entre homens e mulheres, o sexismo, que é o preconceito contra um determinado gênero ou comportamento sexual, a cultura patriarcal baseada na figura masculina, são elementos que há muito tempo vêm sustentando um determinado modo de ser em que às mulheres é fadado um status de inferioridade e subserviência.



MISOGINIA

Todos esses fazem parte de um conjunto de sentidos, valores e modos de pensar que precisam ser urgentemente desconstruídos e ultrapassados se desejarmos o estabelecimento de uma sociedade menos violenta e bárbara.



Fica a dica: Pensar, em termos de uma cultura de paz e na não violência, significa antes de qualquer coisa ultrapassar a desvalorização sofrida pelas mulheres e todo modo de pensar hierarquizado que coloque o homem num patamar de superioridade.

É O FEMINISMO A MESMA COISA QUE O MACHISMO, MAS DE UM MODO CONTRÁRIO?

Não. Pelo termo feminismo deve-se compreender todos os movimentos e políticas, culturais e sociais que têm por objetivo promover a igualdade de direitos entre homens e mulheres.

O FEMINISMO NÃO PREGA QUE AS MULHERES SEJAM SUPERIORES AOS HOMENS E, POR ISSO, O FEMINISMO NÃO É O CONTRÁRIO DO MACHISMO.



Você sabia? O termo feminismo, em sua essência, tal como foi cunhado pela militante francesa Hubertine Auclert em 1882, tem por princípio a promoção da liberdade e da emancipação das mulheres. O feminismo luta pela retirada da mulher do papel de subserviência e inferioridade

que lhe é concedido, buscando que as leis, a cultura e a sociedade não mais coloquem o homem num papel de superioridade.



AS DIFERENÇAS E OS GÊNEROS: RESPEITO E RESPONSABILIDADE

É preciso compreender que somos diferentes, fortes e frágeis, amáveis ou não, éticos ou não, independente de nosso gênero e da nossa orientação sexual.

Questões relacionadas ao gênero e à orientação sexual não possuem implicações éticas ou morais. Quer dizer: não somos nem melhores nem piores por conta do gênero que assumimos ou da sexualidade que vivemos.

É preciso compreender que nossos conflitos e crises, nossos dilemas morais e éticos, se devem às nossas fragilidades, ao fato de que somos passíveis de erros e equívocos, assim como somos capazes de realizar feitos extraordinários e nobres.

É hora de inaugurarmos um novo tempo. Em que homens e mulheres cis, homens e mulheres trans, pessoas não binárias ou fluidas e todas as designações possíveis, lidem umas com as outras com generosidade, empatia e respeito. Nada mais do que isso.

Quando assumimos uma postura de **respeito ao outro**; quando percebermos que o diferente não nos é necessariamente um inimigo a quem devemos temer e nos proteger e quando compreendemos que somos plurais e que essa pluralidade não deve servir de base para pensarmos em posições de maior ou menor valia, certamente viveremos de modo bem mais saudável e equilibrado.



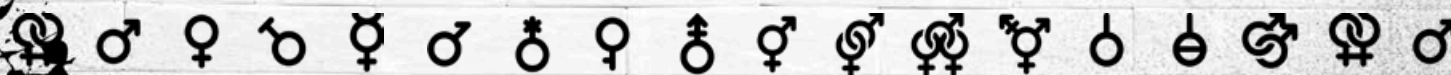
Fica a dica: somos todos diferentes. Homens e mulheres são diferentes, mas essas diferenças não devem ser hierarquizadas. Ou seja, não devem servir de base para colocarmos uns no papel de superioridade em relação aos outros.

E quando compreendermos que a força física até pode ser diferente, mas isso não significa que uns devem ter mais direitos que outros, certamente daremos um passo significativo em direção à pacificação de nossas relações.

Não queremos anular as diferenças que possam nos tipificar, mas reafirmar que essas não podem ser utilizadas como justificativas para que uns se coloquem numa postura de superioridade, como se uns fossem mais e outros menos.

PENSE NUM HOMEM MACHISTA: SE POR UM PASSE DE MÁGICA FOSSE POSSÍVEL RETIRAR DELE A POSTURA MACHISTA, QUE HOMEM SURGIRIA?

A pergunta pode, à primeira vista, parecer estranha, mas não é. Para muitos homens, ser forte, corajoso e de fibra, significa ser superior à mulher - ou seja, um homem machista.



E quando normalmente perguntamos à maior parte dos homens o que ficaria se “retirássemos” do homem o machismo, eles normalmente respondem: um homem frágil e covarde, um homem afeminado.

Ou seja, para esses homens é como se machismo, virilidade e masculinidade fossem uma só e a mesma coisa. E se deles “tirmos” o machismo, o que restaria seria um homem com uma performance feminina - “frágil” e “dócil”.

Para a maior parte das pessoas, um homem sensível, acolhedor e pacífico é um homem afeminado. O que é um grande absurdo.



Esse papo é sério! A virilidade é normalmente associada a um dado período da vida do homem em que esse apresenta maior vigor físico, sexual e mesmo psicológico. Para muitos, ela é confundida ao próprio machismo, com um modo de ser “bruto”, “violento” e mais enérgico em que ao homem seria cobrada uma performance rude, pouco condescendente, amorosa ou receptiva.

É POSSÍVEL ASSOCIAR A UM SÓ TEMPO FORÇA, CORAGEM E DETERMINAÇÃO, À SENSIBILIDADE, GENEROSIDADE E ACOLHIMENTO?

Esse é um ponto de muitas dúvidas. Normalmente associamos sensibilidade, generosidade e acolhimento às pessoas frágeis, à complacência e à fraqueza.

A sensibilidade é a capacidade que temos de nos deixar afetar pela exterioridade. Isso nos permite que sejamos capazes de perceber, olhar, observar e escutar com atenção o mundo e a realidade que nos cercam. O que é singularmente fundamental para que possamos nos relacionar uns com os outros de modo menos conflitivo e mais empático.



Esse papo é sério! Ser sensível, não significa debulhar-se em lágrimas ou em desespero frente a uma situação ou outra. Embora possamos falar aqui de empatia, de sermos “sensíveis” ao sofrimento alheio e mesmo a certa indignação que disso resulta, quando falamos em sensibilidade, estamos falando também na capacidade humana de deixar-se afetar pelas situações que nos cercam, para a partir disso poder realizar escolhas com mais lucidez e discernimento.



Fica a dica: A sensibilidade de quem sabe olhar para uma dada situação e perceber nela algo que todos olham, mas nada enxergam, é uma das habilidades mais exigidas hoje no ambiente corporativo. Nisso não há fraqueza nem tampouco vulnerabilidade, mas a capacidade atenta e desperta de quem tem sagacidade, para quem é aberto e atento.

E quando falamos na violência contra as mulheres, vamos observar a importância da sensibilidade e da empatia.

A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

É FÁCIL ENXERGARMOS NUM "OLHO ROXO" OU NUM HEMATOMA AS MARCAS DA VIOLÊNCIA DE UM HOMEM CONTRA A MULHER, MAS COMO IDENTIFICAR OS OUTROS TIPOS DE VIOLÊNCIA EXISTENTES? COMO ESTAR ATENTO ÀS MUITAS FORMAS DE MANIPULAÇÃO, VIOLÊNCIA E OPRESSÃO EXISTENTES.

A violência contra as mulheres não é apenas física.

Veja os cinco tipos de violências mais comuns:

VIOLÊNCIA FÍSICA - - TODA E QUALQUER CONDUTA QUE CAUSE DANOS À INTEGRIDADE OU SAÚDE CORPORAL DA MULHER.

EX: ESPANCAMENTO, LESÕES COM OBJETOS CORTANTES, SUFOCAMENTO, ATIRAR OBJETOS, FERIMENTOS CAUSADOS POR ARMA DE FOGO, ENTRE OUTROS.



VIOLÊNCIA PATRIMONIAL - TODO E QUALQUER ATO QUE CONFIGURE RETENÇÃO, SUBTRAÇÃO, DESTRUIÇÃO PARCIAL OU TOTAL DE SEUS OBJETOS, INSTRUMENTOS DE TRABALHO, DOCUMENTOS PESSOAIS, BENS, VALORES E DIREITOS OU RECURSOS ECONÔMICOS, INCLUINDO OS DESTINADOS A SATISFAZER SUAS NECESSIDADES.

EX: CONTROLAR O DINHEIRO; DEIXAR DE PAGAR A PENSÃO ALIMENTÍCIA; ESTELIONATO; CAUSAR DANOS PROPOSITAIS A OBJETOS, ENTRE OUTROS.

VIOLÊNCIA SEXUAL - QUALQUER CONDUTA QUE CONSTANJA A PRESENCIAR, A MANTER OU A PARTICIPAR DE RELAÇÃO SEXUAL NÃO DESEJADA MEDIANTE INTIMIDAÇÃO, AMEAÇA, COAÇÃO OU USO DA FORÇA.

EX: ESTUPRO, IMPEDIR O USO DE MÉTODOS CONTRACEPTIVOS, OBRIGAR A MULHER A FAZER ATOS SEXUAIS QUE CAUSAM DESCONFORTO, ENTRE OUTROS.

VIOLÊNCIA MORAL - É TODA E QUALQUER CONDUTA QUE CONFIGURE CALÚNIA, DIFAMAÇÃO OU INJÚRIA.

EX. EXPOR A VIDA ÍNTIMA; ACUSAR A MULHER DE TRAIÇÃO; EMITIR JUÍZOS MORAIS SOBRE A CONDUTA DA MULHER; REBAIXAR A MULHER POR MEIO DE XINGAMENTOS, ENTRE OUTROS.

VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA - É TODA E QUALQUER AÇÃO QUE CAUSE DANO EMOCIONAL E DIMINUIÇÃO DA AUTOESTIMA; PREJUDIQUE E PERTURBE O PLENO DESENVOLVIMENTO DA MULHER; OU VISE DEGRADAR OU CONTROLAR SUAS AÇÕES, COMPORTAMENTOS, CRENÇAS E DECISÕES

EX. AMEAÇAS; CONSTRANGIMENTO; HUMILHAÇÃO; VIGILÂNCIA EXAGERADA; CHANTAGEM; HOSTILIZAÇÃO; RIDICULARIZAÇÃO; INSULTOS; MANIPULAÇÃO; ISOLAMENTO; GRITOS E OFENSAS, ENTRE OUTROS.

Fonte: <https://www.institutomariadapenha.org.br/>

ESSE PAPO É SÉRIO

Esse papo é sério! Há muitos relatos de mulheres que afirmam que, ao falarem para alguém a respeito de uma violência sofrida, ou são constrangidas ou são simplesmente ignoradas. Perguntas como: o que você fez para ele agir assim? Como você o tirou do sério? São perguntas que vitimizam ainda mais quem sofreu uma dada violência. Na sua maior parte, elas são decorrentes de um machismo estrutural que coloca a mulher como culpada até mesmo da violência por ela sofrida.

FICA A DICA

Fica a dica: Leve muito a sério quando uma mulher revela uma dada violência sofrida. Diante de uma declaração dessas, busque acolher, ouvir, preste solidariedade e recorra imediatamente à ajuda de pessoas capacitadas.

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E O MACHISMO

É preciso considerar que a violência é parte do cotidiano de grande parte das mulheres no Brasil.

A cada dia, são inúmeros os casos de feminicídios, agressões, estupros, assédio sexual, menosprezo e discriminação sofridas por elas, causados por homens de variadas faixas etárias.

Seja no âmbito doméstico, familiar ou das relações amorosas, sociais ou do trabalho, muitas mulheres são vítimas de violência. Isso decorrente de comportamentos machistas e da masculinidade tóxica.

Ao se sentirem “donos” de suas mulheres, ao vê-las como inferiores física, psíquica e socialmente; ao considerarem que elas devem ser submissas e dependentes ou que, diante delas, devem assumir uma postura de autoridade e superioridade, os homens se autorizam à violência.



**ESSE PAPO
É SÉRIO**

Esse papo é sério! Entende-se por feminicídio todo assassinato de mulheres resultante da violência doméstica, familiar e da discriminação de gênero.

Em 2015, no governo Dilma Rousseff, foi sancionada, no Brasil, a Lei do Feminicídio. A Lei nº 13.104/2015, do código penal brasileiro, tornou o feminicídio um homicídio qualificado e o colocou na lista de crimes hediondos, com penas mais altas, de 12 a 30 anos.

É IMPORTANTE SABER QUE:

Violência familiar é a violência sofrida de pessoas com as quais se têm laços familiares. Ou seja, violência sofrida por mulheres de seus maridos ou companheiros, tios, pais ou padrastos no ambiente doméstico ou fora dele.

Violência doméstica é toda violência sofrida pelas mulheres no âmbito das relações domésticas. Um bom exemplo é a violência sexual ou assédio sofrido por alguma mulher que esteja, por exemplo, visitando uma família e sofre uma agressão. Nesse caso a violência é sofrida no ambiente doméstico, mas sem que haja vínculos familiares.

Violência decorrente das relações amorosas é toda a violência fruto das relações afetivas que as mulheres estabelecem e que ainda não constituem relação familiar, por exemplo, relações de namoro ou relações não conjugais.



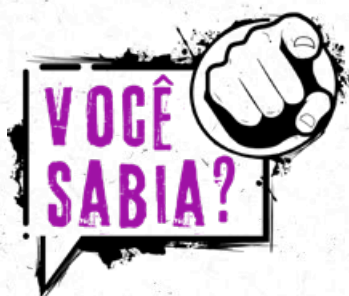
**FICA A
DICA**

Fica a dica: Buscarmos a igualdade de gênero é algo fundamental. A violência contra as mulheres é uma das manifestações mais extremas da desigualdade de gênero, que afeta a vida das mulheres em todas as esferas. A proteção das mulheres é uma medida importante para promover a igualdade de gênero e a justiça social.

TODOS E TODAS CONTRA A HOMOFOBIA E A TRANSFOBIA

QUEM SÃO AS PESSOAS LGBTQIA+?

Todos nós já nos deparamos com diferentes siglas, que pretendiam identificar um grupo de pessoas, como: GLS, LGBT, LGBTI, LGBTQIA, às vezes acompanhado do símbolo (+). Mas, de fato, qual seria a sigla correta (há uma correta?) e o que significa cada letra dessas?



VOCÊ SABIA? De início, não devemos utilizar a sigla GLS. Ela foi muito popularizada nos anos 90, mas além de ser extremamente restrita, pois traz apenas “G” de gays e “L” de lésbicas, não representando outras orientações sexuais, além das identidades de gênero; traz a letra “S”

que significa “simpatizante”, como sendo alguém que não pertence ao grupo, mas que de alguma forma possui uma postura positiva com as causas gay e lésbicas.

Já a sigla LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Travestis, Queer, Intersexos e Assexuais) representa melhor esta parcela de pessoas, que possuem características diferentes entre si, mas que têm em comum o fato de não se enquadrarem na heterossexualidade e cisgêneridade - ao mesmo tempo - sendo a sigla mais aceita na atualidade.

O QUE É SEXO BIOLÓGICO, ORIENTAÇÃO SEXUAL, IDENTIDADE DE GÊNERO E EXPRESSÃO DE GÊNERO?

Para melhor compreender o que significa cada uma das letras que compõe a sigla LGBTQIA+, devemos começar entendendo alguns conceitos fundamentais: orientação sexual, identidade de gênero, sexo biológico e expressão de gênero.



O **Sexo biológico** está relacionado ao nosso órgão sexual, cromossomos e hormônios. Quanto ao sexo biológico temos: macho, fêmea e intersexo.

As **identidades de gênero** são: cisgênero, transgêneros e não-binários. Essas identidades estão ligadas a como a pessoa se reconhece, em como ela “se vê no espelho”, podendo esse autorreconhecimento coincidir (ou não) com o sexo biológico.

As **orientações sexuais** são: heterossexual, bissexual, homossexual e os assexuais. Nossa orientação sexual determina por quem nos sentimos atraídos, se por pessoas do mesmo sexo ou de sexo diferente, ou ainda, se não sentimos atração sexual e/ou afetiva, ou sentimos estas atrações de forma condicionada e/ou diminuída.

No tocante à **expressão de gênero**, podemos dizer que existem: feminina, masculina e andrógina. A expressão de gênero está ligada a forma como o indivíduo se expressa na sociedade, geralmente, esta manifestação se dá através do modo de se vestir, de falar, da linguagem corporal e outros aspectos ligados à aparência.



Fica a dica: **Sexo Biológico** está relacionado aos órgãos sexuais, cromossomos e hormônios; **Identidade de Gênero** se relaciona ao autorreconhecimento do indivíduo, como este “se vê no espelho”; **Expressão de Gênero** tem relação com as expressões sociais do indivíduo, como por exemplo quais roupas usa.

QUEM SÃO AS PESSOAS INTERSEXO?

O sexo biológico está relacionado ao nosso órgão sexual, cromossomos e hormônios.

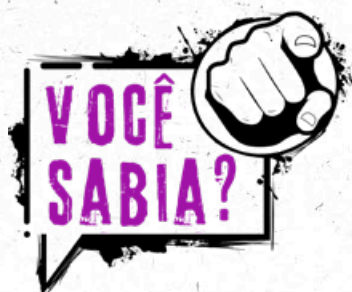
Sendo os machos aqueles indivíduos que possuem órgão sexual pênis, gônadas testículos, cromossomo XY e presença mais acentuada do hormônio testosterona.

Já as fêmeas possuem órgão sexual vagina, gônadas ovários, cromossomo XX e presença menos acentuada do hormônio testosterona.

Quanto aos intersexos, é um termo utilizado para um grupo de pessoas que não se encaixam perfeitamente nas definições tradicionais de “sexo masculino” ou “sexo feminino”,

seja por apresentarem ambiguidade genital, gonadal e/ou hormonal. É uma designação que guarda forte relação com a ciência médica, não sendo estática mesmo entre esses cientistas.

QUEM SÃO AS PESSOAS **TRANSGÊNEROS E NÃO-BINÁRIOS?**



Você sabia? As identidades de gênero são: cisgênero, transgêneros e não-binários.

As pessoas cisgênero são aquelas que se identificam com o gênero atribuído a elas no nascimento (de acordo com o sexo biológico).

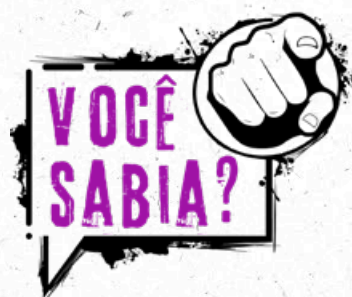
Já as pessoas transgênero são aquelas que não se identificam com o gênero que lhes é dado ao nascer (de acordo com o sexo biológico), podendo (ou não) realizar tratamentos cirúrgicos e hormonais para reafirmação do gênero com o qual se identificam.

Quanto às pessoas não-binárias, assim como as transgêneros, essas também não se identificam com o gênero que lhes é atribuído ao nascer, porém também não se identificam com a binaridade de gêneros (homem e/ou mulher), sendo esse termo empregado para uma variedade de indivíduos, que vão desde aqueles que se identificam com os dois gêneros de forma simultânea, até aqueles que não se identificam com nenhum dos dois gêneros.



Fica a dica: As **Transexualidades** deixaram de constar do código internacional de doenças (CID-11) da **Organização Mundial de Saúde (OMS)** desde 2019. Assim, não devemos entender as pessoas Trans como pessoas com “transtornos” ou “doentes”, mas apenas como uma variedade da complexidade da existência humana. Todos nós somos diferentes! Todos nós merecemos respeito!

QUEM SÃO AS PESSOAS **HOMOSSEXUAIS, BISSEXUAIS E ASSEXUAIS?**



Você sabia? As orientações sexuais são: **heterossexual, bissexual, homossexual e os assexuais.**

Nossa orientação sexual determina por quem nos sentimos atraídos, se sentimos atração por pessoas de sexo diferente somos heterossexuais, já se temos atração afetivo-sexual por pessoas do mesmo sexo somos homossexuais.

Já as pessoas bissexuais podem sentir atração tanto por pessoas do mesmo sexo, como por pessoas do sexo oposto; enquanto os assexuais são pessoas que não sentem (ou sentem de forma condicionada) atração afetiva, sexual e emocional por outras pessoas.

QUAIS SÃO AS EXPRESSÕES DE GÊNERO?



Você sabia? No tocante à expressão de gênero podemos dizer que existem: feminina, masculina e andrógina.

A expressão de gênero está ligada a forma como o indivíduo se expressa na sociedade, geralmente, esta manifestação se dá através do modo de se vestir, de falar, da linguagem corporal e outros aspectos ligados à aparência.

O indivíduo que se expressa com o gênero feminino tende a utilizar vestuário e demais acessórios lidos socialmente como femininos, já os que expressam o gênero masculino usam roupas e demais acessórios atribuídos socialmente ao gênero masculino. Há também os que se expressam sem limitação binária (feminino e masculino) utilizando roupas, acessórios e demais manifestações que são atribuídos aos gêneros femininos e masculinos, esses são denominados de andróginos.

VAMOS LÁ ENTENDER O QUE É CADA UMA DAS LETRAS DA SIGLA LGBTQIA+!

As três primeiras letras e a última falam sobre orientação afetivo-sexual das pessoas, são as letras "L", "G", "B" e "A".

O "L" significa lésbicas, que são mulheres (cisgênero ou transgênero) que se sentem sexual, afetivo e emocionalmente atraídas por outras mulheres (cisgênero ou transgênero), logo são mulheres homossexuais.

O "G" são os gays, homens (cisgênero ou transgênero) que se sentem sexual, afetivo e emocionalmente atraídos por outros homens (cisgênero ou transgênero), assim são homens homossexuais.

O "B" são os bissexuais, sendo homens e mulheres (cisgênero ou transgênero) que se sentem sexual, afetivo e emocionalmente atraídos da mesma forma por outros homens e mulheres (cisgênero ou transgênero), assim são homens e mulheres bissexuais.

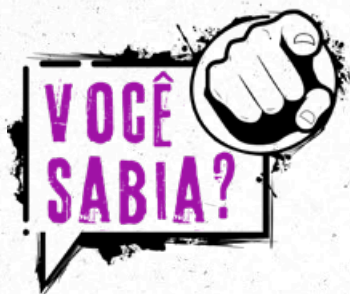
Por fim, temos o "A" que são os assexuais, este termo é o que denominamos de termo "guarda-chuva", pois há uma infinidade de variações dentro da assexualidade, que vai desde o desinteresse afetivo-sexual por outros indivíduos até o interesse afetivo-sexual condicionado.

Já a letra "T", que identifica as pessoas transexuais, designa uma identidade de gênero, assim como os cisgêneros.

Quanto a letra "I" essa representa as pessoas intersexo.

Por fim, temos o sinal de + que deixa a sigla aberta para a recepção e representação de outras identidades de gênero e orientações sexuais, que não aquelas que estejam representadas pela sigla LGBTQIA+.

SIM, MAS E A LETRA Q O QUE SIGNIFICA?



Você sabia? “Q” significa QUEER, que designa as pessoas que não estão contempladas, em geral, pelo padrão dominante heterocisnormativo (Hetero-CIS-normativo), ou seja, todo o ser humano que não se encaixa no ideário do senso comum dos papéis atribuídos a identidade de gênero, a orientação sexual, a performances de gênero etc.

Queer não deve ser entendido como um conceito que abarca todas as letras anteriores ou outras não mencionadas, mas podemos entender o conceito de Queer como algo mais amplo que designa variações de gênero, sexualidade, afetividade e performances que ultrapassam a designação dada pelas letras LGBTI.

PARA SABER MAIS: As explicações aqui dadas são em linhas gerais, para uma compreensão mais ampla da sexualidade humana (algo sem dúvida muito mais complexo, do que seria possível se tratar no presente manual). Quem quiser saber mais sobre o assunto pode ler: “QUEER”: HISTÓRIA DE UNA PALABRA por PAUL B. PRECIADO²

O QUE É LGBTFOBIA?

Agora que já entendemos os conceitos trazidos por cada uma das letras da sigla LGBTQIA+, vamos conversar sobre o preconceito que essas pessoas sofrem.



Esse papo é sério! Todo o ato de preconceito contra a comunidade ou pessoa LGBTQIA+ é um ato LGBTfóbico!

Recentemente, o STF (Supremo Tribunal Federal) entendeu que deve ser aplicada, aos atos de LGBTfobia, a lei de combate ao racismo (Lei nº 7.716/89).

No referido julgamento, os Ministros do STF entenderam que atos como o de negar hospedagem ou atendimento em estabelecimento comercial em razão da identidade de gênero ou orientação sexual de uma pessoa, deve ser penalizado nos termos da Lei nº 7.716/89.

A referida lei também abarca casos de ofensas direcionadas a um determinado recorte da população, em razão da sua raça, cor, procedência nacional, religião, identidade de gênero ou orientação sexual.

²PRECIADO, Paul B. Queer: história de uma palavra. Disponível em: <<http://paroledequeer.blogspot.com/2012/04/queer-historia-de-una-palabra-por.html>>. Acesso em 14 abr. 2022.

Assim, caso alguém pessoalmente, ou até mesmo através de um perfil na internet, diga que “gays deveriam morrer” ou que “travestis deveriam ser expulsas do país” estará cometendo crime de racismo.

SE LIGA! Para além da Lei de combate ao racismo, os atos de LGBTfobia também podem ser criminalizados como injúria racial, sendo uma espécie qualificada de injúria (parágrafo 3º do art. 140 do Código Penal).

Assim, caso alguém seja xingado pelo fato de ser uma pessoa LGBTQIA+, o autor das ofensas deverá ser penalizado de acordo com a injúria qualificada, ao exemplo do que acontece quando alguém sofre um xingamento racista.



SOBRE ASSÉDIO

EXISTE UMA “CULTURA” DO ESTUPRO? QUANDO O ASSÉDIO É TRAVESTIDO DE ELOGIO?

Em um primeiro momento, nos parece difícil pensar em uma “cultura do estupro”. Se imaginarmos cultura como a expressão de um povo, logo viriam à tona boas imagens, histórias e expressões artísticas. A palavra “cultura”, nesse caso, não simboliza algo positivo, nem legítimo. Embora a palavra comece a ser dita e o conceito estudado pelo Feminismo nos anos 70, a objetificação da mulher está desde os primórdios das sociedades ocidentais. Mas para explicarmos esse conceito, é necessária uma divisão para isolarmos esses termos, quais sejam: cultura e estupro.

Primeiramente, Cultura é a forma como denominamos todas as crenças, ideias, pensamentos e atitudes adquiridas pelo ser humano com base na sua convivência e experiência como membro de uma sociedade. Ela é um modo de viver que o indivíduo ou grupo adota como sua identidade, que é um fator mutável.

Ademais, a definição de estupro está constubistanciada no artigo 213 do Código Penal Brasileiro que diz: “constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso”. Não é mais necessária a conjunção carnal para haver o estupro, bastando a satisfação da lascívia (desejo).

Tendo isso em mente, observamos uma tendência social de culpabilização das vítimas de estupro, pois uma parcela da sociedade comumente considera mulheres vítimas de estupro culpadas por terem sofrido a violência sexual. O Datafolha, em pesquisa encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), mostrou que mais de 33% das pessoas responsabilizam a mulher por sofrer estupro, ou seja, um terço da população brasileira.

Essa culpabilização tem, como pano de fundo, os princípios de moral e bons costumes. Dessa maneira, parte da sociedade, em sua maioria homens, culpam a mulher por ser vítima de estupro, alegando que o estupro não ocorreria caso ela tivesse comportamentos diferentes, usasse roupas “menos provocantes”, frequentasse





ambientes diferentes, entre outras coisas. A consequência dessa culpabilização é o baixo índice de denúncias, seja por medo ou por uma revitimização na hora de procurar as forças policiais.

Essa “cultura do estupro” também se apresenta nas relações profissionais, pois não é a toa que muitas mulheres são vítimas de assédios morais e sexuais no ambiente de trabalho.

Se o primeiro (assédio moral) está muito mais ligado a misoginia, tendo o colega de trabalho ou chefes (geralmente homem) uma visão de aversão e/ou inferiorização das trabalhadoras, do sexo feminino, o segundo (assédio sexual) vem intrinsecamente relacionado à objetificação do corpo feminino, ao ideário de que qualquer atitude da mulher é um incentivo a uma ação do homem.

Em outras palavras, na cultura machista persiste a ideia que: se a mulher diz “não” ela está se fazendo de difícil, caso seja cordial, está interessada; mas em ambos os casos será uma sinalização de permissividade.

Se no primeiro caso (assédio moral) as mulheres muitas vezes são subjugadas, silenciadas e interrompidas nas relações travadas no ambiente profissional, como por exemplo na figura do “mansplaining” em que um homem, por se julgar mais inteligente do que a mulher, tenta explicar algo sem sequer saber do grau de conhecimento da interlocutora sobre o assunto, ou sem ser perguntado.

Ou ainda, ocupam cargos de menos importância dentro das corporações ou instituições, exatamente por terem suas capacidades subjugadas, ou recebem remuneração inferior quando ocupam cargos equivalentes ao colegas do sexo masculino.

Já no caso de assédio sexual há uma infinidade de práticas, desde simples “elogios” até investidas em que se prometem vantagens, promoções, bonificações em troca de atos de natureza libidinoso ou sexual.

No assédio sexual a mulher é reduzida a produto, o homem nessa relação acredita que pode ter “posse” do corpo feminino, podendo dele dispor, como faz com um carro ou uma peça de vestuário.

Essa subalternização sexual, como já explicado no item anterior, é ainda mais acentuada quando a vítima é traspassada por diversos marcadores sociais, tais como raça, gênero e classe.

Há frases que ilustram bem a cultura do estupro, no sentido de combatê-lo. Veja algumas delas:

“Não é não!”: por vezes, os homens interpretam o NÃO de uma mulher como um mero jogo de sedução e que, insistindo, a mulher irá ceder. Os homens, por sua vez, usam essa “brecha” para coagir a mulher. Isso causa um dano na autonomia da mulher. Não querer aquele homem é uma mera escolha que deve ser respeitada.

**MULHER
NÃO É
OBJETO**

Avaliar o caráter ou a intenção de uma mulher unicamente com base em sua aparência física ou na roupa que ela veste é uma prática prejudicial que pode levar à objetificação das mulheres. Quando os homens adotam essa abordagem, correm o risco de não considerar a mulher como um ser humano completo, mas sim como um objeto desprovido de vontade própria e opinião. Essa atitude desumaniza a mulher, equiparando-a a um objeto passivo, suscetível a qualquer tipo de tratamento.

**“Eu apenas sou
simpática, não
estou te dando
mole”**

Às vezes, gestos de simpatia são erroneamente interpretados como convites românticos. No entanto, a demonstração de hospitalidade e cortesia é, na realidade, um sinal de educação e respeito, e não deve ser confundida com um interesse em iniciar um relacionamento amoroso ou convidar alguém para sentar-se à mesa.

**“Chega de
fiu-fiu e de
buzina na rua!”**

Alguns homens tendem a abordar as mulheres em espaços públicos ou em várias situações, e isso pode incluir comportamentos como buzinas ou assobios. No entanto, essas abordagens muitas vezes causam desconforto em vez de chamar a atenção da mulher. No entanto, o aspecto mais crucial a se destacar é que as mulheres têm o direito fundamental de escolher quando e onde desejam se envolver em interações de natureza sexual ou afetiva.

PARA SABER MAIS:

Que tal dar uma lida no livro *Abuso: A cultura do estupro no Brasil* da Ana Paula Araújo? Esse livro aborda questões como: Por que o estupro é um crime ainda tão comum no Brasil? Por que a vítima muitas vezes é tão - ou mais - julgada pela sociedade do que o próprio criminoso? Por que é tão difícil fazer uma denúncia?

**VOCÊ
SABIA?**

Você sabia? Um estudo publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) jogou luz para a reflexão de um problema crítico no Brasil e que afeta principalmente as mulheres: o número estimado de casos de estupro no país por ano é de 822 mil, o equivalente a dois por minuto. Desses 822 mil casos por ano, apenas 8,5% chegam ao conhecimento da polícia e 4,2% são identificados pelo sistema de saúde.

ASSÉDIO MORAL E SEXUAL

Certamente, você já deve ter ouvido alguém dizer que foi assediado e isso te causou repúdio ou raiva. Mais ainda, se o assediado foi você. Além disso, muitas pessoas não sabem que sofreram ou praticaram assédio moral por não conhecerem o conceito, ou seja, o que é o assédio.

Primeiramente, faz-se necessário mostrar que o assédio pode ser moral, sexual ou bullying. Para Marie-France Hirigoyen, o assédio moral é qualquer conduta abusiva manifestando-se, sobretudo por comportamentos, palavras, atos, gestos, escritos que possam trazer dano à personalidade, à dignidade, ou à integridade física ou psíquica de uma pessoa, pôr em perigo seu emprego ou degradar o ambiente de trabalho.

Já o assédio sexual está tipificado como crime no Código penal Brasileiro, O crime de assédio sexual está previsto no artigo 216-A, com pena de 1 a 2 anos. Para esse crime acontecer, deve haver uma relação laboral entre o agente e a vítima, em que o agente usa a hierarquia ou ascendência de seu cargo, emprego ou função com a finalidade de obter a vantagem sexual (um beijo, contato físico, sair com a vítima etc). Caso a conduta tenha sido praticada nas ruas, nos meios de transporte ou outros contextos, o crime será outro: importunação sexual ou estupro de vulnerável (se a vítima não puder oferecer resistência). Quanto ao bullying, a diferença para o assédio moral é o local da prática, no caso, o ambiente escolar, entre alunos, sem haver hierarquização.

Pois bem, agora que sabemos um pouco mais sobre o assédio e seus tipos, vamos focar um pouco sobre os tipos de assédio moral existentes para que você possa identificá-los facilmente. O primeiro deles é o assédio moral organizacional o qual se manifesta pelo conjunto de condutas abusivas, de qualquer natureza, exercido de forma sistemática e durante certo tempo, em decorrência de uma relação de



trabalho, e que resulte no vexame, humilhação ou constrangimento de uma ou mais vítimas com a finalidade de se obter o engajamento subjetivo de todo o grupo às políticas da administração, por meio da ofensa a seus direitos fundamentais, podendo resultar em danos morais, físicos e psíquicos.

Já o assédio moral interpessoal pode se dar de duas formas: vertical e horizontal. O assédio moral interpessoal horizontal ocorre entre pessoas do mesmo nível hierárquico. Seria, por exemplo, o caso de colegas que praticam brincadeiras constrangedoras frequentes com um colaborador com base em sua sexualidade, religião ou peso.

O assédio moral interpessoal vertical necessariamente implica em uma diferença de hierarquia entre agressor e vítima. O assédio moral vertical descendente é aquele praticado por uma pessoa em cargo mais alto contra uma pessoa em cargo mais baixo e o ascendente é o contrário. Além desses dois, podemos ter o assédio moral passivo que ocorre quando, por exemplo, você é tão amigo da pessoa assediada que sente como se fosse com você.

Por fim, se você ainda tem dúvidas para identificar um caso de assédio moral, atente-se aos seguintes elementos caracterizadores: a violação à dignidade, a natureza psicológica dos ataques, o requisito da reiteração, da conduta abusiva, a intencionalidade do ato e a finalidade de exclusão. Se cada um desses, somados, estiver presente em um fato vivenciado por você, não terá dúvida de que se trata de um episódio de assédio moral. Nesse sentido, será assédio moral um fato em que a pessoa foi humilhada com ataques e práticas degradantes, causando sofrimento e danos psicológicos, de forma repetitiva e sistemática, com condutas abusivas que ultrapassam as leis e o bom senso, de forma intencional e com a finalidade de excluir aquela(s) pessoa(s) das relações de trabalho ou forçar que ela saia daquele ambiente. Será assédio sexual, se isso ocorrer para se obter vantagem ou favorecimento sexual em razão do cargo, como mencionamos anteriormente.

Há de se dizer ainda que, no caso do assédio sexual, trata-se de um crime, o que não acontece com o assédio moral, que, no caso dos servidores públicos, pode ser um ilícito-administrativo apurado por sindicância ou processo administrativo.



Fica a dica: Há algumas situações que podem ser confundidas com assédio moral:

Situações eventuais - Um comportamento isolado ou eventual não é assédio moral, embora possa causar dano moral.


Exigências profissionais - Todo trabalho apresenta certo grau de imposição e dependência. Assim, existem atividades inerentes ao contrato de trabalho que devem ser exigidas ao trabalhador.

Conflitos - Algumas situações, como transferências de postos de trabalho; remanejamento do trabalhador ou da chefia de atividades, cargos ou funções; ou mudanças decorrentes de prioridades institucionais, são exemplos que podem gerar conflitos, mas não se configuram como assédio moral por si mesmas.

Más condições de trabalho - trabalhar em um espaço pequeno, com pouca iluminação e instalações inadequadas não é um ato de assédio moral em si, a não ser que um trabalhador (ou um grupo de trabalhadores) seja tratado dessa forma e sob tais condições com o objetivo de desmerecê-lo frente aos demais.



Você sabia? Para denunciar casos de assédio moral ou sexual, você deve utilizar os canais de denúncia existente em sua empresa, como, por exemplo, as comissões de ética, compliance ou ouvidoria. Denúncias de assédio sexual também devem ser apresentadas a uma delegacia especializada ou comum. Não se cale diante do assédio moral ou sexual!



SEXO FRÁGIL: QUANDO HOMENS SOFREM POR SEREM MACHISTAS

MASCULINIDADE TÓXICA: HOMENS MORREM POR ISSO?

Como já trazido em diversas partes dessa cartilha, o comportamento da masculinidade advém de uma estrutura cultural e social que demarcaram os papéis a serem reproduzidos no cotidiano.

A representação construída socialmente de que, para ser homem é necessário apropriar-se de condutas que expressem força, brutalidade, virilidade, entre outras desse espectro, faz com que, tudo que ameaça esse lugar social de “macho”, seja tratado como algo ou alguém que precisa ser eliminado.

A toxicidade de determinados comportamentos está relacionada diretamente com a necessidade de imposição de um comportamento sobre o outro. Assim, em nome da manutenção do mito do que é ser homem, a masculinidade tóxica se estabelece, e torna-se responsável por diversos níveis de violências de gênero e doméstica; colocando em risco os corpos de mulheres cis, trans, travestis, homens gays, homens trans, homens negros ou corpos que estão socialmente vulneráveis por não se adequarem na imposição de um padrão hetero normativo do masculino.

Como nos alerta o filósofo Achille Mbembe ao explicar a lógica da necropolítica de “[...] ditar quem pode viver e quem pode morrer.” Fonte: MBEMBE, A. Necropolítica. São Paulo: n-1 edições, 2018. p.05.

A DEFESA DA HONRA E A VIOLÊNCIA

A masculinidade tóxica parte da lógica de um poder atribuído, ou seja, o direito de exercer qualquer ação que ameace a conduta do masculino, dando a esse tipo de masculinidade a legitimidade das ações, encarando-as como normais.

Quantas vezes ouvimos justificativas como:

“ele teve sua honra ferida”;

Isso como justificativa para um comportamento violento ou um assassinato.

“**ele vai apanhar para aprender a ser homem**”.

Isso como justificativa para uma espécie de correção violenta, com o intuito de colocar a ordem nas coisas.

O resultado disso é um número alarmante de mortes e violências contra mulheres e pessoas lgbt’s.

Para saber mais: Acesse dados do IPEA - INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Atlas da Violência. Rio de Janeiro: IPEA, 2021.

AS VÍTIMAS

As mulheres e os corpos que estão socialmente vulneráveis são as maiores vítimas da masculinidade tóxica. No entanto, não se pode deixar de apontar que esse padrão de comportamento também provoca consequências negativas aos homens.

Responder a um comportamento socialmente imposto, precisa ser refletido também, como uma opressão ao próprio homem, promovendo muitas vezes angústias e afetações em sua saúde mental.

Por que os homens vivem menos que as mulheres?

Por que os homens se suicidam mais que as mulheres?

Por que os homens têm dificuldades em revelar suas dores?

São perguntas como essas que precisam ser debatidas em especial nos ambientes da segurança pública.



Fica a dica: a masculinidade tóxica é um mal não apenas para as mulheres e os corpos socialmente vulneráveis, mas para o próprio homem. a masculinidade tóxica é um comportamento danoso para todo o tecido social.



POR UMA CULTURA DE PAZ



O QUE SE QUER FALAR QUANDO ESTAMOS DEFENDENDO A IDEIA DE UMA CULTURA DE PAZ?

A cultura de paz não implica passividade diante de comportamentos violentos que cotidianamente vivenciamos em sociedade. Ao contrário do que se imagina, a cultura de paz lança luz aos aspectos da violência, problematizando-os, a fim de encontrar caminhos não violentos de superação, de reparação, de verdade e responsabilização.

A expressão “cultura de paz” tem como um de seus marcos a declaração da ONU (Organização das Nações Unidas) em 1999, sobre uma cultura de paz para o milênio. A ONU vai definir cultura de paz como “um conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida baseados: a) No respeito à vida, no fim da violência e na promoção e prática da não-violência por meio da educação, do diálogo e da cooperação [...]”⁴

A cultura de paz é um grande guarda-chuva de ações que contribuem na construção de um mundo mais justo, igual e solidário.

Propor uma cultura de paz em uma sociedade que cotidianamente aprendeu a responder os conflitos por meio da repressão e eliminação, é um grande desafio. Fomos forjados na lógica do controle e silenciamento.

Pouco dialogamos para solucionar nossos conflitos, optamos muitas vezes pelo silêncio; ou utilizamos meios punitivos por compreender que para “corrigir” é necessário castigar.

Da mesma forma que fomos estruturados por atravessamentos machistas, racistas, LGBTfóbicos, somos também impactados e estruturados em responder a violência sofrida por meios também violentos.

Ora, superar as violências estruturais que nos atravessam, exige que reconheçamos em primeiro lugar, que essas violências nos afetam. Qualquer violência afeta o tecido social.

Por exemplo: Sabe aquela sala de raio X que entramos

⁴vide em: <http://comitepaz.org.br/>; <http://www.comitepaz.org.br/download/Declara%C3%A7%C3%A3o%20e%20Programa%20de%20A%C3%A7%C3%A3o%20sobre%20uma%20Cultura%20de%20Paz%20-%20ONU.pdf>

quando vamos realizar determinados exames de imagem? Aquela máquina enorme é produtora de radioatividade. De pronto, não sentimos seus efeitos, porém a constante exposição radioativa tem efeito na saúde do corpo.

Assim é a violência, seus efeitos nos atingem em seus diversos aspectos.

No entanto, entender que nada é imutável é fundamental na promoção de espaços dialogais e de horizontalidades. Somos capazes de transformar frios, em espaços de acolhimento, diálogo e cuidado. Muitas vezes, uma fagulha, capaz de gerar um grande incêndio, pode ser evitada por um simples diálogo. A questão muitas vezes é que desejamos a eliminação do outro em diversas formas da subjetividade.

Nós, atores sociais, temos o papel fundamental no processo de construção da paz e sua ampliação. Muitas vezes, uma fagulha, capaz de gerar um grande incêndio, pode ser evitada quando trazemos para o cotidiano das relações o diálogo como instrumento norteador.



Esse papo é sério! Buscar a paz ou ser pacífico, não significa fragilidade ou incapacidade de lutar contra as violências e discriminações. Nelson Mandela é um grande exemplo na luta contra as violências estruturais, na luta pela igualdade dos povos, e um emblemático ícone na narrativa

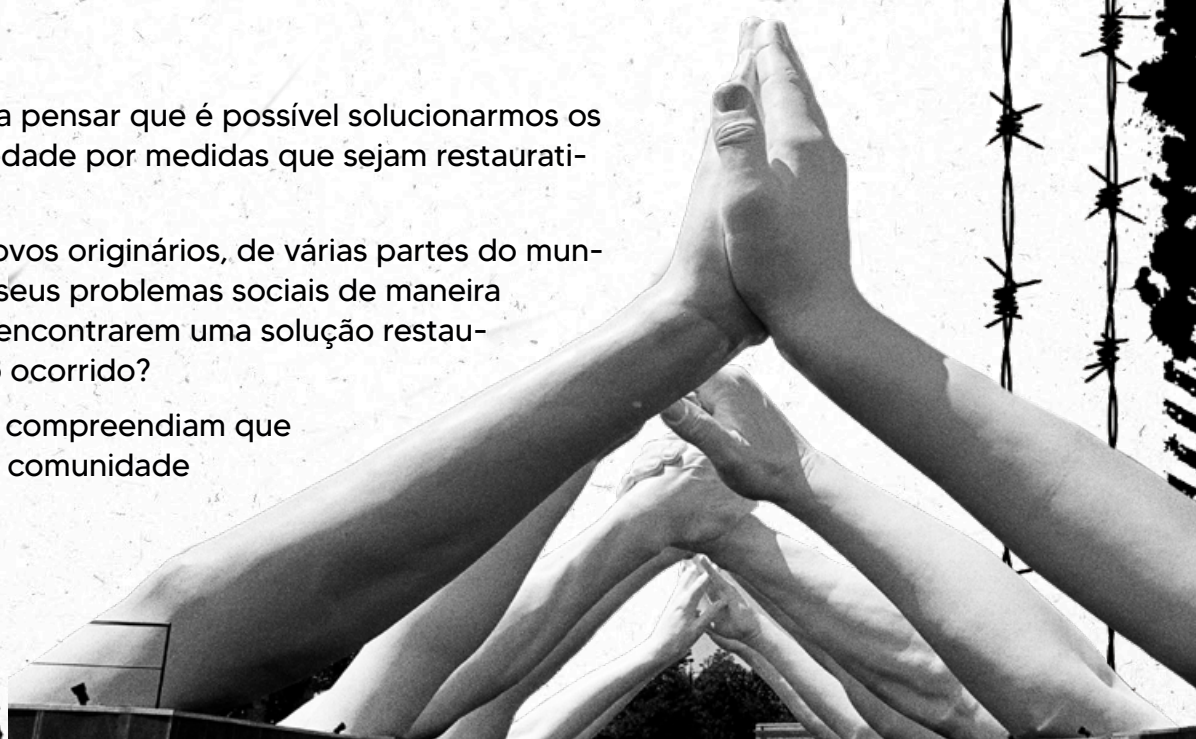
pela paz, sendo inclusive, no ano de 1993, condecorado com o prêmio nobel da paz.

RESOLUÇÃO DE CONFLITOS E A **COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA**

Você já parou para pensar que é possível solucionarmos os conflitos em sociedade por medidas que sejam restaurativas?

Você sabia que povos originários, de várias partes do mundo, solucionaram seus problemas sociais de maneira coletiva, a fim de encontrarem uma solução restaurativa para o dano ocorrido?

Tais comunidades compreendiam que o dano causado à comunidade



afetava a todos, provocando assim, um rompimento no tecido social.

No entanto, o que se verifica na sociedade contemporânea, que a forma mais hegemônica para reparar os conflitos, ainda tem sido as medidas de retribuição.

Sabe-se, por vários meios de informações, pesquisas, que o aumento da população encarcerada não promove diminuição da violência. Basta verificar os dados oficiais do Atlas da Violência.

O que queremos apresentar aqui, de forma crítica, é que há uma preocupação muito mais em estigmatizar e estabelecer um perfil do "criminoso", "do mal"; e, com isso, aumentar um aparato repressivo; mais do que encontrar alternativas de prevenção e reparação de conflitos por meios mais horizontais e de responsabilizações.

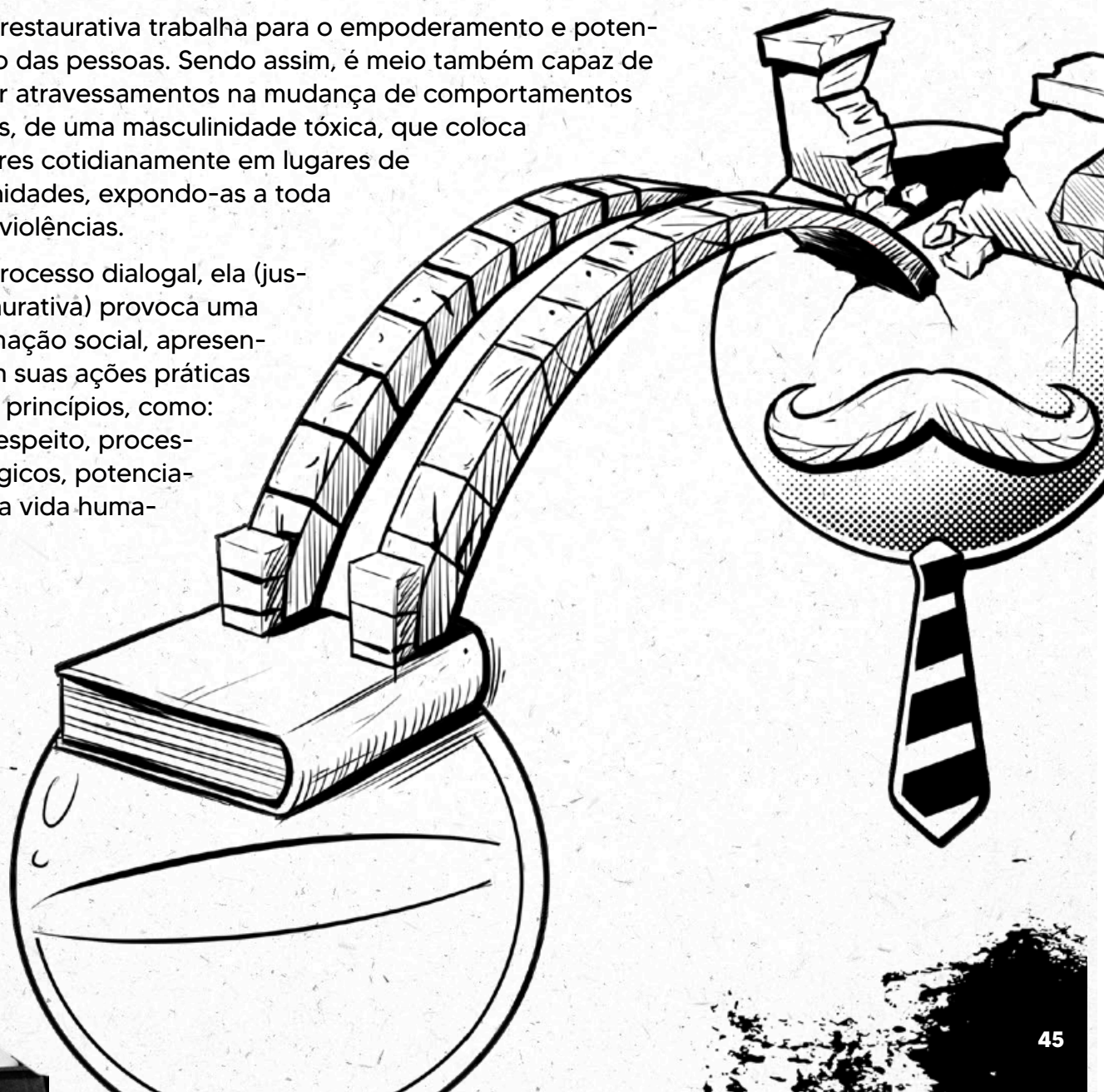
Diante disso e das contradições inerentes à sociedade moderna, apresenta-se a Justiça Restaurativa.

Essa alternativa de pensar os conflitos e a pena, se coloca como um meio capaz de romper com a lógica de "pagar um mal com outro mal".

Essa prática social, que vem crescendo em todo o mundo, apresenta em seu centro, valores e princípios, que propõem a superação da reação punitiva. E, por meio do encontro restaurativo, com todos os envolvidos pelo ato danoso, propor soluções restaurativas.

A justiça restaurativa trabalha para o empoderamento e potencialização das pessoas. Sendo assim, é meio também capaz de promover atravessamentos na mudança de comportamentos machistas, de uma masculinidade tóxica, que coloca as mulheres cotidianamente em lugares de subalternidades, expondo-as a toda sorte de violências.

Em seu processo dialógico, ela (justiça restaurativa) provoca uma transformação social, apresentando em suas ações práticas valores e princípios, como: escuta, respeito, processos dialógicos, potencialização da vida humana.



Você já parou para pensar que um grande conflito poderia ser resolvido por um simples pedido de “desculpas”?

Que a forma como abordamos terá impacto no processo finalístico do conflito?

Que diálogo pressupõe uma escuta acolhedora?

Que na promoção da cultura de paz não há lugar para preconceitos ou pré-julgamentos?

Construir uma comunicação não violenta em nosso dia a dia nos desperta para melhor compreender o outro. Quantos conflitos deixariam de existir com o exercício da comunicação não violenta? Quantos estigmas não seriam criados devido ao acolhimento inteiro do outro?



Fica a dica: A Justiça Restaurativa é uma alternativa de pensar e reagir ao conflito recomendada por instituições como a ONU (Organização das Nações Unidas) e o CNJ (Conselho Nacional de Justiça). Ambas instituições com resoluções de orientações e diretrizes para o uso de suas práticas.

PARA SABER MAIS: ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS.

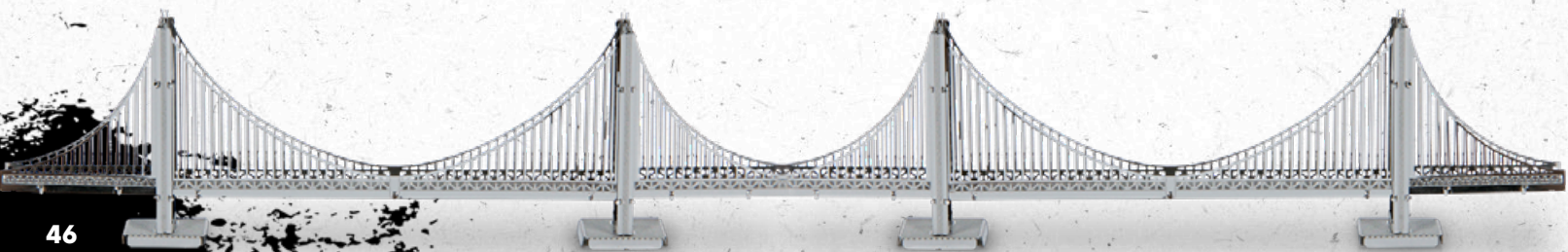
Resolução nº 2002/12. Princípios Básicos para o uso de programas de Justiça Restaurativa em matéria criminal. Nova Iorque: Assembleia Geral, 2002. Disponível em: <https://www.un.org/en/ecosoc/docs/2002/resolution%202002-12.pdf>

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. Resolução do Conselho Nacional de Justiça nº 225, de 31 de maio de 2016. Dispõe sobre a Política Nacional de Justiça Restaurativa no âmbito do Poder Judiciário e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência do CNJ, 2016. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br>.



Fica a dica: A possibilidade de construir espaços de voz, de escuta e de encontro; nos aproxima enquanto humanidade; nos faz entender que o problema de um é o problema de todos nós.

O diálogo, por meio da palavra, gera em nós a sensação de pertencimento, acolhimento. Sabe aquela sensação que sentimos quando somos ouvidos e acolhidos de maneira respeitosa? Essa sensação de bem-estar que sentimos, Howard Zehr (um dos pioneiros da Justiça Restaurativa) diz que tem a ver com o pertencimento que o encontro das humanidades promove.



PALAVRAS FINAIS

“A libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição (...). A superação da contradição é o parto que traz ao mundo este homem novo não mais opressor; não mais oprimido, mas homem libertando-se”. FREIRE, P. Pedagogia do oprimido.

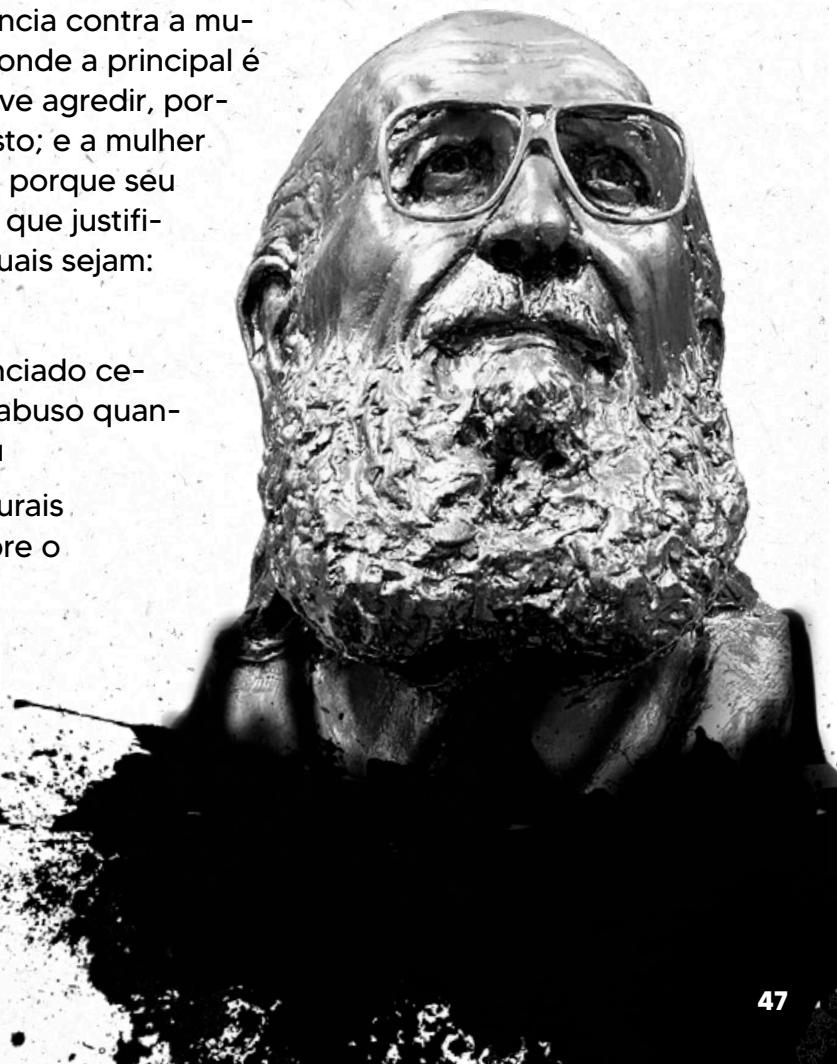
Repensar o sentido da masculinidade em nossa sociedade foi o que nos mobilizou na produção deste manual. Em meio a informações, críticas e problematizações, buscou-se ativar a dinâmica coletiva e engajada pelo qual se pode alçar a mudança nas relações entre homens e mulheres que ainda permanecem presos no ciclo da violência. Ciclo esse sustentado pelo sistema patriarcal e pela cultura do machismo vigente entre nós e cuja produção mais direta é a violência.

Nosso intuito foi desvelar o antigo esquema da “autoridade suprema” do macho sobre a fêmea e a naturalização e banalização da prática da violência contra a mulher, construídos nos costumes e na normalidade das relações desiguais e hierarquizadas. Isso como primeiro passo para a mudança e transformação pretendidas.

Quando Saffioti (2004) afirma que “a violência contra a mulher apresenta características específicas, onde a principal é exatamente a ‘rotina’ em que o homem deve agredir, porque o macho deve dominar a qualquer custo; e a mulher deve suportar agressões de toda a ordem, porque seu destino assim o determina”, alguns fatores que justificariam os ciclos de violência se revelam, quais sejam:

1.Fatores pessoais do agressor: ter presenciado cenas de violência conjugal e/ou ter sofrido abuso quando criança; pai ausente; entre outros, e/ou

2.Fatores da sociedade: Normas socioculturais que concedem aos homens o controle sobre o comportamento feminino; aceitação da violência como forma de resolução de conflitos; conceito de masculinidade ligado à dominação, honra ou agressão; papéis rígidos para ambos os sexos.



Esses fatores, que em momentos distintos deste manual, foram analisados e discutidos, lançam, de modo potente, luz à necessidade de um novo sentido à existência humana, no qual se é convidado a abandonar todo um passado de dor e sofrimento para se construir um futuro ético e pacífico. O que certamente passa por uma espécie de “partejar” de um novo homem e de uma nova mulher.

Não é possível mudar o passado sem abandonarmos antigas concepções e acessarmos novas formas de ser. O que foi feito não pode ser alterado, nem tampouco transformado, mas nosso compromisso é com o presente, com o aqui e agora, com o cultivo da realidade vivida e sentida nesse exato instante. E é no hoje que buscamos a mudança. É nele que estão nossos grandes desafios e é nele que devemos celebrar a paz, o respeito e a dignidade. Isso levando em conta nossas diferenças e singularidades. A rotina que avilta, oprime, hostiliza e violenta as mulheres precisa ser quebrada. Isso tanto nas grandes escolhas, como nas pequenas; tanto no ambiente doméstico e familiar, como nas corporações e empresas.

Comprometidos eticamente com o aqui e agora, nos responsabilizando por nossos atos e pela necessidade de superar o passado machista que ainda vigora entre nós, certamente teremos um futuro muito mais harmônico e menos violento em que todas as mulheres sejam de que raça forem, de que idade ou condição social pertençam, serão respeitadas em seus direitos, valorizadas em todas as suas possibilidades e livres para escolherem o que quiserem escolher.

Regina Célia Barbosa

PARA SABER MAIS:

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.



EQUIPE



Regina Célia A. S. Barbosa
@reginacelia.barbosa

Tem Graduação (Lic. e Bel.) em Filosofia, Mestrado em Ciência Política, ambas pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Prof^o Universitária há 26 anos, nos Cursos de Direito e demais áreas das Ciências Humanas. Cursa Especialização em Neuropsicologia no IHALT. Co Fundadora, Vice Presidenta e Diretora Pedagógica do Instituto Maria da Penha - Responsável pelos Programas de Mentoria e Formação Pedagógica dos Voluntários do IMP. Ativista na área de Enfrentamento a Violência contra a Mulher, Violência Doméstica e Violência de Gênero. Membro representante da Sociedade Civil da Comissão Seccional da Mulher Advogada - (CSMA) da Ordem dos Advogados do Brasil Seccional de Pernambuco. Membro do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais (IBCCrim); foi Membro da Delegação W20 Brasil (2019/2021) e foi Gerente de Causas do Instituto Avon (2021-2022). Foi Secretária da Mulher do Estado de Pernambuco. Atualmente é membra Conselho Diretor da Visão Mundial Brasil e do Comitê Consultivo do Movimento Raça é Prioridade do Pacto Global Brasil



Sandro Cozza Sayão
@sandrosayao

Possui graduação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande (1996), Especialização em Educação à Distância pela UFMT, Mestrado em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (1999), Mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2001), Doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2006) e Pós-doutorado pela Université de Paris. Atualmente é professor Associado IV do Departamento de Filosofia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco. Atua no programa de Pós-Graduação strictu sensu em Filosofia da UFPE e do Mestrado Profissionalizante em Filosofia. É Coordenador do Programa VIRTUS: Defesa Social, Segurança Pública e Direitos Humanos da UFPE. Coordena ainda o Grupo de Pesquisa Virtus no CNPQ. Trabalha diretamente com temas ligados aos agentes de Defesa social e Segurança Pública - Polícia Civil e Militar - do Estado de Pernambuco, à frente de projetos com financiamento pelo Ministério da Saúde, Ministério da Educação e do Governo do Estado de Pernambuco via Secretaria da Mulher do Estado. É escritor infantil e seu livro Tudo tem Cor ganhou prêmio na Bienal Internacional do Livro na Sérvia, sendo adquirido pela Biblioteca Nacional de Cabo Verde num acordo entre Brasil e Cabo Verde coordenado pelo Itamaraty. Seu último livro infantil Quase tudo tem Tampa pela Editora Miguillim trata de relacionamentos e das conexões construtivas que fazemos ao longo da vida.



Carlos Diego Peixoto de Souza

@carlosdiego

Mestrando em Direitos Fundamentais pela Universidade de Lisboa. Bacharel em Direito pela Universidade Católica de Pernambuco. Presidente da RENOSP-LGBTI+ (Rede Nacional de Operadores de Segurança Pública-LGBTI+). Membro do Conselho Nacional dos Direitos das Pessoas LGBTQIA+. Membro da Comissão Permanente de Segurança Pública do Conselho Nacional de Direitos Humanos - CNDH/MDH. Pesquisador da liga acadêmica de Direito Digital, Sociedade e Tecnologia (Ligaddos) da FDR/UFPE. Pesquisador do Programa VIRTUS: Defesa Social, Segurança Pública e Direitos Humanos da UFPE. Professor de Cursos de Formação na Acades - Academia Integrada de Defesa Social - PE



Marcela Maura Lira Mariz

@mlmariz

Mestra em Direitos Humanos - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Graduada em Serviço Social - Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Assistente Social - Governo do Estado de Pernambuco (PE). Pesquisadora e integrante do Programa Virtus: Defesa Social, Segurança Pública e Direitos Humanos (UFPE/CNPq). Integrante do Moinho Jurídico, Laboratório de Pesquisa Social do Direito (CCJ-UFPE/CNPq). Coordenadora do Núcleo de Justiça Restaurativa da FUNASE/PE. Coordenadora/Colaboradora do Projeto Justiça Restaurativa em Obras Comentadas. Membro/Colaboradora da Subcomissão de Justiça Restaurativa da Ordem dos Advogados do Brasil, Estado de Pernambuco (OAB/PE). Facilitadora e instrutora de cursos de formação em Justiça Restaurativa e práticas circulares. Membro da Comissão Especial de Estudos e Pesquisas sobre a dinâmica das Relações de Poder entre adolescentes/jovens da FUNASE. Possui experiência e/ou interesse nas áreas de Serviço Social, Direitos Humanos, Justiça Restaurativa Crítica, Sistema Socioeducativo e Criminologias alternativas.



Márcio Roberto Cavalcanti da Silva

@marciorobertocav

Doutorando em Direito pela Universidade de Lisboa, Mestre em Direitos Humanos pela UFPE, Bacharel em Direito pela Faculdade de Olinda e Licenciado em Letras pela UFPE. Pesquisador do Virtus - UFPE. Professor de Direito pela Facal - Faculdade de Ciências Humanas Aplicadas de Limoeiro. Instrutor de cursos de Capacitação na Escola de Governo de Pernambuco - Egape. Membro Convidado da Comissão Especial de Segurança Pública - OAB-PE. Professor de Cursos de Formação na Acades - Academia Integrada de Defesa Social - PE



Projeto Gráfico e Diagramação

José Fernandes Beckman da Silva

@fernandesbeckman

Designer formado pela UFPE(2009), pós-graduado em Design de Artefatos Digitais pelo CESAR School(2023), Ilustrador e escritor infantil.

Realização



IMP
INSTITUTO
MARIA DA PENHA

Viabilizado por



CONTEC
BRASIL



CONTRAF



FEBRABAN

“Nunca na história da humanidade tivemos tanto acesso à informação e ao conhecimento. Nunca estivemos tão conectados e ao mesmo tempo tão envolvidos com questões das mais diferentes ordens. No entanto, permanecemos em meio à indiferença, presos à violência e à brutalidade. É preciso dar um novo passo. É preciso reinventarmos a nós mesmos, principalmente naquilo que aprendemos ser a masculinidade. Só então teremos espaço para pacificarmos as nossas relações afetivas e para superarmos a fragilidade que é mãe de todas as absurdidades.”

Sandro SAYAO

